

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS FELIZ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

Janaína Vieira da Silva

**DA PEDRA BRUTA À JOIA RARA, A LEITURA QUE LAPIDA, DESCOBRE,
BRILHA E VALORA**

**Feliz
2019**

Janaína Vieira da Silva

**DA PEDRA BRUTA À JOIA RARA, A LEITURA QUE LAPIDA, DESCOBRE,
BRILHA E VALORA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado junto ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus de Feliz, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Izandra Alves.

**Feliz
2019**

Janaína Vieira da Silva

**DA PEDRA BRUTA À JOIA RARA, A LEITURA QUE LAPIDA, DESCOBRE,
BRILHA E VALORA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul como requisito à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovada em ____ de _____ de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Izandra Alves (presidente)

Prof^a. Me. Cátia Alves Martins – IFRS

Prof^a. Dr^a. Aline Evers – IFRS

RESUMO

Este estudo busca refletir sobre a ação do mediador da leitura, que tem em suas mãos o poder de auxiliar para a formação de um leitor entendedor ou de um simples decodificador. Dessa forma, trago presente a discussão sobre a importância do processo de instigar os educandos à leitura possibilitando-os ver que através dela é possível compreender melhor a si mesmo e a sociedade em que se está inserido e, a partir disso, encontrar perspectivas de acesso a novos caminhos. Para tanto, trago algumas ações de mediação de leitura com o intuito de ilustrar o que aqui apresento como possibilidades. Almejando atingir os objetivos a que nos propomos nesta investigação, buscamos identificar que ações poderiam ser utilizadas pelo mediador a fim de contribuir para a formação do leitor. A partir das constatações que tivemos e valendo-nos da pesquisa-ação, foi possível fomentar a leitura como forma de autoconhecimento e de entender o mundo, a fim de que a criticidade através dele fosse instigada. Vale ressaltar que o presente trabalho se divide em quatro blocos: no primeiro, nos preocupamos em apresentar o contexto em que realizamos a pesquisa-ação. Na segunda etapa buscamos aclarar o sentido da palavra leitura tendo como base os estudos dos pesquisadores Vicente Jouve, Alberto Manguel e Michèle Petit. Na terceira parte do trabalho, iniciamos explicando nossa escolha por uma abordagem qualitativa, alicerçadas pelos conceitos da autora Maria Cecília Minayo, uma vez que a autora compreende que pesquisas descritivas baseadas em observações e análises de aspectos subjetivos dos sujeitos de pesquisa, que é o caso desse trabalho, impossibilitam a quantificação. Ainda neste bloco, apresentamos a metodologia que acreditamos ter sido a melhor escolha para esta pesquisa, a pesquisa-ação, uma vez que esta, segundo Michel Thiollent, permite a interação entre pesquisador e pesquisado e finalizando essa etapa exploramos o que Minayo esclarece sobre análise de conteúdo, pois através desse método obtivemos os resultados dessa pesquisa. No terceiro bloco, descrevemos os sete encontros com os sujeitos de pesquisa e seus posicionamentos em relação a cada texto abordado. Por fim, na última fase da pesquisa, analisamos os dados colhidos a cada encontro e, a partir disso, podemos evidenciar que a leitura, quando entendida e não decodificada, transforma o leitor; após uma leitura, jamais seremos os mesmos. As reflexões que os textos nos suscitam, lapidam-nos ao ponto de conseguirmos olhar para nós mesmos e sabermos ler o que estamos vendo. Para, além disso, mostra em quemundo o sujeito “eu” se encontra, quais os desafios desse lugar e o que se precisa compreender para que esse mundo se torne um lugar que possa ser habitado com alegria, igualdade e paz.

Palavras-chave: Mediador. Leitura. Ação.

ABSTRACT

This study seeks to reflect on the action of the reading mediator, who has on his hands the power to assist in the formation of an understanding reader or a simple decoder. Thus, I bring the discussion about the importance of the process of instigating the learners' reading, allowing them to see that through it is possible to understand better themselves and the society in which they are inserted in and, from that, find perspectives of access to new ways. In this regard, I bring some reading mediation actions in order to illustrate what I present here as possibilities. Aiming to achieve the objectives that we set out in this investigation, we sought to identify what actions could be used by the mediator in order to contribute to the reader's formation. From the findings that we had and drawing on action research, it was possible to foster reading as a way of self-knowledge and understanding the world, so that the criticality through it was instigated. It is noteworthy that the present work is divided into four blocks: on the first, we are concerned with presenting the context in which we perform action research. In the second stage we seek to clarify the meaning of the word reading based on the studies of researchers Vicente Jouve, Alberto Manguel and Michèle Petit. In the third part of the paper, we begin by explaining our choice for a qualitative approach, based on the concepts of author Maria Cecília Minayo, since the author understands that descriptive research based on observations and analysis of subjective aspects of the research subjects, which is the case, makes quantification impossible. Still in this block, we present the methodology that we believe to have been the best choice for this research, the Action Research, since, according to Michel Thiollent, it allows the interaction between researcher and researched and, in the end, we explore what Minayo clarifies about analysis content, because through this method we obtained the results of this research. In the third block, we describe the seven meetings with the research subjects and their positions in relation to each text addressed. Finally, in the last phase of the research, we analyze the data collected at each meeting and, from this, we can evidence that reading, when understood and not decoded, transforms the reader; After a reading, we will never be the same. The reflections that the texts arouse us, lapidate us to the point that we can look at ourselves and know how to read what we are seeing. It also shows in what world the subject "I" is, the challenges of this place and what needs to be understood in order to this world to become a place that can be inhabited with joy, equality and peace.

Keywords: Mediator. Reading. Action.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	LEITURA: ATITUDE DE AUTOCONHECIMENTO E LIBERTAÇÃO	9
2.1	INSPIRANDO O AMOR PELO SABER	13
3	O PROCESSO DE EXTRAÇÃO E LAPIDAÇÃO DA JOIA – LEITOR	18
4	EXPLORANDO A MINA	22
4.1	MACHISMO	22
4.2	<i>BULLYING</i> NÃO CABE NO NOSSO MUNDO	27
4.3	ANOREXIA.....	30
4.4	PRECONCEITO	34
4.5	CONTANDO HISTÓRIA	37
4.5.1	Dando vida aos personagens.....	40
4.5.2	O grande espetáculo	40
5	A EXTRAÇÃO DA PEDRARIA: VALORAÇÃO DO BRILHO	43
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS.....	48
	ANEXO A – LETRAS DE MÚSICAS.....	50
	ANEXO B – “TIRINHAS”	59

1 INTRODUÇÃO

Ao observar a diferença que há entre o ato de ler e o ato de entender, que inúmeras vezes não são trabalhados em sala de aula como situações distintas, percebe-se a formação de decodificadores e não de leitores. Por compreender que o mediador de leitura tem em suas mãos o poder de auxiliar para a formação de um leitor entendedor ou de um simples decodificador é que este trabalho nasceu. Percebi a grande necessidade de atuar de modo a fazer a diferença enquanto futura licenciada em Letras e professora de Língua Portuguesa.

Dessa forma, este trabalho discorre sobre a importância do processo de instigar os educandos à leitura mostrando que através dela é possível compreender melhor a si mesmo e, conseqüentemente, a sociedade em que se está inserido e, a partir disso, encontrar possibilidades de acesso a novos caminhos. Conforme Petit (2009, p. 61), “a leitura é um meio para se ter acesso ao saber, aos conhecimentos formais e, sendo assim, pode modificar as linhas de nosso destino escolar, profissional e social”.

O que realizamos foi, então, uma pesquisa-ação em uma escola estadual de Ensino Fundamental, na cidade de Feliz/RS, com uma turma do oitavo ano, para analisar em que medida o mediador da leitura pode contribuir para a formação do leitor, assim como perceber que efeitos o contato com a leitura pode ocasionar no leitor. A escolha por essa turma se deu devido à minha aproximação com ela durante o período de estágio curricular de Língua Portuguesa I.

A referida turma era composta por 11 adolescentes, sendo 8 meninas e 3 meninos. Durante a conversa inicial e ao longo dos encontros, percebi que são estudantes que possuem interesse pela leitura, porém não conseguem se adaptar com as que são oferecidas pela escola. Esta instituição de ensino mantém um projeto de leitura que prevê os 15 minutos iniciais do dia reservados para leitura. Os livros são escolhidos pelos professores e entregues para os estudantes para que realizem a atividade. Observamos que, infelizmente, o interesse dos alunos não é levado em conta para a escolha das temáticas dos livros, fato que muitas vezes afasta esses leitores da leitura.

Somos sabedores de que a dificuldade que os alunos apresentam para compreender determinados textos faz com que se sintam desestimulados e, assim,

por não compreenderem o que leem, se sentem incapazes para outras tantas coisas. Como consequência disso, como percebemos em seus próprios relatos, suas expectativas com relação ao futuro diminuem, visto que a maioria disse não ter perspectivas para dar continuidade à educação básica e que estavam presentes nas aulas apenas por obrigação.

Levando em conta essa realidade, resolvi apresentar a esses estudantes a leitura como um sinônimo de oportunidade, o que implica em estimular o autoconhecimento, a ler e a entender o mundo para, a partir deste entendimento, agir de forma autônoma na sociedade. Isso porque compreendemos que, por meio da leitura, mesmo que esporádica, podem estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização, pois ela pode ajudar a se reconstruírem, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido, a encontrar mobilidade no tabuleiro social e a distância que dá sentido ao humor, bem como a pensar nesses tempos em que o pensamento se faz raro. (PETIT, 2009).

Para esses jovens leitores encontrarem sentido em suas vidas ou para buscarem mover-se no imenso e complexo tabuleiro social é que ações mediadoras de leitura são necessárias e urgentes. Por isso, escolhi este trabalho de investigação a fim de criar ações que possam ser utilizadas pelos mediadores da leitura para melhorar a relação dos estudantes com o ato de ler e, conseqüentemente, formar leitores apaixonados.

Com o intuito de atingir os objetivos a que me propus nesta investigação, busquei identificar que ações poderiam ser utilizadas pelo mediador a fim de contribuir para a formação do leitor. A partir das constatações que tive e valendo-me da pesquisa-ação, foi possível fomentar a leitura como forma de autoconhecimento e de entender o mundo, a fim de que a criticidade através da leitura fosse instigada. Para tanto, é importante ressaltar que este trabalho se divide em quatro blocos, os quais descrevo abaixo.

Na primeira parte do trabalho, nos preocupamos em apresentar o contexto em que realizamos a pesquisa-ação; informamos se tratar de uma escola estadual de Ensino Fundamental, na cidade de Feliz/RS, em uma turma do oitavo ano. Justificamos as práticas de mediação de leitura como forma de atender aos interesses dos estudantes participantes da pesquisa. Nesse sentido, encontramos apoio na obra de Michèle Petit, que nos apresenta um conceito de leitura capaz de

abrir portas em direção à interioridade, à afetividade inexplorada e ao campo da sensibilidade e, para que essas portas se abram, é importante que os leitores sejam recepcionados por uma leitura que os interesse. Buscamos aclarar o sentido da palavra leitura e analisamos como o ato de ler pode ser favorável para a aquisição de autoconhecimento. Para tanto fez-se pertinente compreender os estudos do pesquisador Vicente Jouve, que aborda as dimensões da leitura enquanto estética, bem como as contribuições de Alberto Manguel que nos fazem compreender que a leitura é tão essencial na nossa vida como qualquer outra necessidade fisiológica. Por fim, e não menos importante, Michèle Petit contribui para nossos apontamentos quando apresenta a leitura como forma de autoconhecimento, libertação e discorre sobre a importância da mediação nesse processo.

Na segunda parte do trabalho, iniciamos explicando nossa escolha por uma abordagem qualitativa, a qual nos aprofundamos através dos conceitos da autora Maria Cecília Minayo. A autora entende que pesquisas descritivas baseadas em observações e análises de aspectos subjetivos dos sujeitos de pesquisa, que é o caso desse trabalho, impossibilitam a quantificação. Posterior a isso, apresentamos a metodologia que acreditamos ter sido a melhor escolha para esta pesquisa, a pesquisa-ação, uma vez que esta, segundo Michel Thiollent, permite a interação entre pesquisador e pesquisado. Encerramos esse capítulo explorando o que Minayo esclarece sobre análise de conteúdo, pois através desse método obtivemos os resultados dessa pesquisa.

Na terceira parte, descrevemos os sete encontros com os sujeitos de pesquisa e seus posicionamentos em relação a cada texto abordado. Por fim, no último bloco, analisamos os dados colhidos a cada encontro e procedemos com as considerações finais.

2 LEITURA: ATITUDE DE AUTOCONHECIMENTO E LIBERTAÇÃO

Não há dúvida de que a leitura é fator chave para a mudança social, nos diversos sentidos que a palavra mudança possa ter. Entretanto, esta prática desacompanhada de uma compreensão e interpretação significativa pode levar o sujeito à ilusão de que o fato de saber decifrar a junção das palavras é o suficiente para entender o mundo e agir nele.

Ler é um processo de autoconhecimento, compreensão de mundo e de interação entre os sujeitos. Envolve atividades bem mais complexas que o simples fato decodificar os signos linguísticos. Nesse sentido, a leitura pode ser pensada como sinônimo de libertação e sobre isso o pesquisador Vicente Jouve (2002, p. 108) esclarece-nos que “a leitura como experiência estética, é, portanto, sempre tanto libertação de alguma coisa quanto libertação para alguma coisa”. Antes do encadeamento libertador, o autor explica o fenômeno que serve como gatilho para a chegada até a “libertação de alguma coisa ou para alguma coisa”, o qual ele denomina “fruição estética”, explicando que é caracterizada por ser o primeiro sentimento que aflora do leitor para com o texto. Esse processo basicamente está relacionado com o imaginário do leitor. No momento que o leitor imagina, ao mesmo tempo recria e esse ciclo pode levá-lo ao que o autor chama de libertação. (JOUVE, 2002, p. 108).

Dessa forma, podemos ver a leitura como possibilidade de nos desenlaçar de algo que, antes da experiência com os textos, não nos sentíamos suficientemente confortáveis para soltar. Mesmo tendo consciência de que manter o enlace com o que nos aprisiona seja motivo de desconforto, a falta de segurança suscitada pela dificuldade em imaginar novos sentidos nos mantêm presos a velhas concepções que não nos servem mais. Através da imaginação propiciada pela leitura, abre-se um leque de possibilidades para a construção de algo novo e transformador. Fato que garante ao leitor uma sensação de liberdade.

A fim de conceituar o termo leitura, busco nos estudos de Vicente Jouve (2002) o aporte teórico. A leitura perpassa por cinco dimensões: neurofisiológica, cognitiva, afetiva, argumentativa e simbólica. Quando menciona o processo neurofisiológico, o faz porque sem as funções cerebrais a leitura não seria possível. Através do processo visual e das demais funções do cérebro, a leitura acontece

como uma decifração e memorização dos signos. Ao discorrer sobre o processo cognitivo, diz que o leitor deve obter um saber mínimo para dar continuidade a leitura e, ao mesmo tempo, exige-se um esforço para a abstração. Ao falar da dimensão da afetividade, retoma a importância das emoções, uma vez que a leitura promove a reflexão ligando o leitor às emoções que aquilo que lê o permite sentir. Na dimensão argumentativa, o autor prepara no texto um discurso de engajamento dele com o mundo e com os demais seres. E, por fim, o processo simbólico se dá na medida em que acontece a interação do leitor com o texto e a resignificação desse texto relacionando com suas vivências. (JOUVE, 2002).

Como se pode observar, a importância da leitura vai muito além do que dizem conhecidos e disseminados conceitos sobre ela, que a tratam apenas como instrumento decodificador dos signos linguísticos, utilizada para se ter acesso ao saber, de forma útil e prática. Como por exemplo, a leitura de um manual de instruções de um eletrodoméstico. Não se pode negar que essa também é uma das atribuições importantes da leitura, entretanto, se restringe a uma leitura de sobrevivência, ou seja, aquela realizada para conseguir êxito nas questões cotidianas, tais como, para o exercício da profissão, vida escolar ou curiosidades pessoais. Contudo, é através da leitura que podemos agregar a palavra, o mundo e a nós mesmos outros diversos significados indispensáveis. Nesse sentido, Petit (2009, p. 38) acrescenta:

Ler permite ao leitor, às vezes, decifrar sua própria experiência. É o texto que lê o leitor, de certo modo é ele que o revela; é o texto que sabe muito sobre o leitor, de regiões dele que ele mesmo não saberia nomear. As palavras do texto constituem o leitor, lhe dão um lugar.

Ao considerarmos as palavras da autora podemos evidenciar a amplitude que tem o ato de ler, visto que pode auxiliar o leitor a entender, primeiramente, sua existência, passando por um processo de compreensão acerca do lugar que ocupa no mundo e, a partir disso, escolher para onde pretende caminhar ou onde pretende se fixar no que diz respeito às suas concepções. Esta reflexão pode se dar em vários sentidos, tanto no âmbito do pensamento, por exemplo, o que quero mudar ou manter nas minhas concepções a partir das reflexões promovidas após uma leitura, quanto na ação, que diz respeito a buscar um novo caminho, construir uma nova história profissional ou pessoal motivados por uma leitura que tenha mostrado o

lugar onde se está e que tenha sido motivadora ao ponto de influenciar a descoberta de um novo espaço no mundo a ser conquistado.

Petit (2009, p. 61) também reconhece que “a leitura é um meio para se ter acesso ao saber, aos conhecimentos formais e, sendo assim, pode modificar as linhas de nosso destino escolar, profissional e social.” Portanto, fomentar a leitura, assim como mostrar que através desse instrumento é possível compreender melhor a sociedade em que se está inserido e, a partir disso, encontrar possibilidades de acesso a novos caminhos, faz com que o ato de ler seja percebido como indispensável na vida das pessoas em todas as fases de suas vidas. Dessa forma, deixa de ser vista apenas como uma tarefa que se limita ao processo de escolarização e que, muitas vezes, acaba perdendo o sentido após esse período.

A partir do momento em que o leitor passa a ver a leitura como forma de conhecer-se a si e ao mundo, perceberá que o ato de ler é necessário durante toda sua vida. Verá sua existência como um processo mutável e que, a cada mudança, há um novo enigma; e, por sua vez, perceberá que decifrar enigmas tem relação com as múltiplas possibilidades que a leitura abre ao leitor.

Sem a informação que adquirimos, também, através do que lemos, alguns acessos nos são negados e difíceis de serem compreendidos. Por vezes, podem ser traumáticos, simplesmente pela falta de conhecimentos básicos, o que poderia ser resolvido através da leitura. Muitas vezes, nossas dúvidas são tão íntimas que a melhor opção é conversar com alguém que nos dê as respostas sem balbuciar palavras, mas que, de forma sutil, deposite em nossa mente inúmeras alternativas de reflexão que possibilitem o esclarecimento das nossas incertezas.

E quem seria esse alguém? Podemos dizer que esse diálogo que favorece a resolução dos nossos enigmas pode ser alcançado a partir da leitura. Com ela, alcançamos a interpretação dos códigos escritos e chegamos às reflexões que, por fim, nos fazem compreender, assim como nos explica Manguel (1997, p. 20), quando afirma que “lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial.”

Se pensarmos na leitura como forma de compreender o mundo e não só como decodificação de palavras escritas, damos a ela significados encantadores. Assim, percebemos que, na verdade, começamos a ler desde o momento do nosso nascimento, e não quando somos alfabetizados. Por exemplo, logo após sair do

ventre da mãe, a criança inicia sua trajetória leitora. Ao reconhecer o novo ambiente, ao olhar para a face da mãe enquanto ela o amamenta, são também formas de leitura e compreensão do mundo. Nas palavras de Manguel:

Ler as letras de uma página é apenas um de seus muitos disfarces. O astrônomo lendo um mapa de estrelas que não existem mais; o arquiteto japonês lendo a terra sobre a qual será erguida uma casa, de modo a protegê-la das forças malignas; o zoólogo lendo os rastros de animais na floresta; o jogador lendo os gestos do parceiro antes de jogar a carta vencedora; a dançarina lendo as notações do coreógrafo e o público lendo os movimentos da dançarina no palco; o tecelão lendo o desenho intrincado de um tapete sendo tecido; o organista lendo várias linhas musicais simultâneas orquestradas na página; os pais lendo nos rostos do bebê sinais de alegria, medo ou admiração; o adivinho chinês lendo as marcas antigas na carapaça de uma tartaruga; o amante lendo cegamente o corpo amado à noite, sob os lençóis; o psiquiatra ajudando os pacientes a ler seus sonhos perturbadores; o pescador havaiano lendo as correntes do oceano ao mergulhar a mão na água; o agricultor lendo o tempo no céu – Todos compartilham com os leitores de livros a arte de decifrar e traduzir signos. (MANGUEL, 2017, p. 19).

Vemos, então, que lemos tudo a nossa volta e dessa leitura depreendemos e construímos nossos saberes e definimos quem somos. Podemos, ainda, acrescentar à leitura o seu poder terapêutico. É possível que, à primeira vista, cause estranheza tentar relacionar leitura e terapia, mas, por que não pensar que nos momentos difíceis ou traumáticos a leitura, com o seu poder mágico, pode oferecer momentos de cura ou alívio para as nossas dores?

No momento que ela é capaz de nos transportar para um lugar seguro, tranquilo, e ainda nos possibilita dialogar com os personagens do texto, diminuindo nossa solidão, as dores que nos atribulam podem diminuir ou se desfazer. Assim, se Manguel nos ensina que deciframos signos que nos ajudam a viver, a leitura pode sim, nos deslocar até nossos interiores a fim de que possamos nos reconstruir de forma positiva.

Independente do olhar ou do conceito que se utiliza para entender o que é a leitura é possível enxergá-la de diversas formas, mas, dificilmente, irá encontrar alguma opção que lhe aponte o ato de ler como algo inútil ou apenas servindo como instrumento decodificador utilizado para solucionar os obstáculos diários. Ela vai além disso.

Ela pode sim, tanto tirar como colocar “pedras em nosso caminho”, pois da mesma forma que pode acalmar o coração pode, também, aflorar emoções e desestabilizar, abalar alicerces há muito firmados. Isso porque, ao ir além da

decodificação, o ato de ler abre caminhos e estes caminhos são incertos. Se o leitor aceitar o convite para trilhar este percurso, talvez nem ele saberá onde ele vai chegar.

Nesse sentido, é importante destacar que este projeto busca revelar as vertentes da leitura que permitem a interação do leitor com o texto, por acreditar que nessa interação possa haver construções, desconstruções e transformações de ideias e de pessoas. Trata-se de ver a leitura como uma possibilidade de construção da identidade do leitor, como menciona Petit quando diz que a leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido a própria experiência, a própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos. (PETIT, 2009, p. 72).

Ao defender a ideia do autoconhecimento, propiciado pela leitura, a autora afirma que o leitor passa a entender o mundo que o cerca e, a partir disso, conseguirá agir nele conforme suas convicções e não pelo que lhe é imposto e este é o caminho para tornar-se cidadão ativo. Conforme menciona Petit (2009), por meio da difusão da leitura cria-se certo número de condições propícias para o exercício ativo da cidadania.

Contudo, a leitura pode servir para inúmeros fins, mas quando a palavra for usada em sentido profundo e fizer com que possamos olhar para dentro de nós mesmos, podemos tê-la como um remédio eficaz contra a manipulação e como uma mão invisível que se entrelaçará às nossas mãos e nos fará andar. Não temos como saber se andaremos pelo melhor caminho, mas podemos ter a certeza que por onde andarmos seremos guiados pelas interpretações realizadas através das nossas lentes e não das de outros. Assim, a única coisa, mas não pouca, que nos é garantida é a nossa autonomia no que diz respeito a nossos pensamentos. Portanto, a fidelidade ao que acreditamos estará protegida e só assim é possível que sejamos o verdadeiro dono do nosso destino.

2.1 INSPIRANDO O AMOR PELO SABER

O encontro do leitor com a leitura pode ser, de forma metafórica, relacionado a um primeiro encontro entre pessoas que jamais tenham se cruzado. Sabemos que nesse tipo de contato é natural que haja interpretações errôneas ou duvidosas sobre

o indivíduo que estamos conhecendo. Por não conhecermos muito bem, nossas desconfianças são maiores e nossa entrega é lenta. Assim, as percepções que fazemos do outro podem ser equivocadas devido a nossa dificuldade de interpretar o novo que se apresenta. E no caso das relações pessoais, pode acarretar em falsos julgamentos ou repulsa pelo diferente, nesse caso, pela outra pessoa.

Se utilizarmos a mesma reflexão para entender a relação do leitor com a leitura podemos pensar que a forma como o texto é apresentado ao leitor pode ser decisiva para o início de um relacionamento duradouro e amoroso com o ato de ler ou para um sentimento de repulsa que poderá se repetir em todos os momentos que esse leitor for exposto a um texto. Isso pode ocorrer devido às primeiras impressões que o leitor tem de um texto que talvez não tenha sido escolhido por ele e que o conteúdo não faz sentido para ele.

Trazendo essa reflexão para um contexto real de escola, podemos citar uma situação, infelizmente, bastante comum, que se trata de leituras impostas aos estudantes. Muitas vezes leituras densas e extensas, entediantes para aqueles que não tiveram a opção de opinar na escolha do que ler. E para, além disso, mesmo ao tentar realizar a leitura, não encontram sentido no que estão lendo. Para pensar sobre situações como essa, se faz importante entender o que Petit (2009) diz sobre a imposição de leituras.

Se o adulto impõe para a criança o comportamento que ela deve ter, o bom jeito de ler, se ela se submete passivamente à autoridade de um texto, encarando-o como algo que lhe é imposto e sobre o que ela deve prestar contas, são poucas as chances de o livro entrar [com uma valoração positiva] na experiência dela, na sua voz, no seu pensamento. (PETIT, 2009, p. 47-48).

Petit (2009) aborda, então, acerca da importância que tem o mediador de leitura na construção do leitor. Se pensarmos na relação de cumplicidade entre texto e leitor baseada no amor e no prazer da leitura, não há lugar para o autoritarismo, a obrigatoriedade e o utilitarismo no ato de ler. Isso não quer dizer que a mediação seja obsoleta, pelo contrário, é extremamente necessária, porém não ligada a hierarquias e finalidades.

Dessa forma, cabe discutir, então, sobre a importância do mediador que, segundo nossa visão, é aquele que incentiva o outro à leitura, que faz acender no outro o amor pelo ato de ler, é, também, aquele que auxilia na escolha de uma obra.

É este que pode ser o professor (a), o bibliotecário (a), voluntário (a) ou um amigo (a). É importante esclarecer que a mediação jamais pode ser confundida com imposição, mas sim, como possibilidade de trilhar novos caminhos, conhecer outros mundos através da leitura.

Nesse sentido, o mediador do contexto escolar pode encontrar inúmeras dificuldades quando propõe a elaboração de atividades acerca da leitura. Em relação a isso, Petit (2009, p. 185) afirma que “mesmo em contextos difíceis, não somos impotentes, dispomos de uma margem de manobra”.

As manobras de que fala a autora são estratégias que devem ser encontradas pelo educador\mediador para aproximar o leitor da leitura, humanizar essa relação entre o mediador, o leitor e o livro. O importante é mostrar a eles/elas que o tempo com um livro não é um tempo perdido. Sobre isso, Petit (2009, p. 148) diz: “os livros roubam um tempo do mundo, mas eles podem devolvê-lo, transformado e engrandecido ao leitor. E ainda sugerir que podemos tomar parte ativa no nosso destino”.

Dar voz e ouvidos ao leitor é um aspecto bastante importante antes de sugerir uma leitura, porém, muitas vezes, é um ato que vai em desacordo ao que acreditam algumas instituições de ensino que fazem do ato de ler uma obrigação a ser cumprida e as/os estudantes não são convidadas/os a opinar sobre a escolha das leituras. Acerca desta situação, Petit (2009) discorre sobre relatos de jovens que referiram terem sido desestimulados a ler, porque isso se tornara uma obrigação, tinham que dissecar textos que, na maioria das vezes, não lhes diziam nada.

A mediação inadequada e impositiva pode afastar o leitor da reflexão que possibilitaria o estudante a entender para além do texto. Ademais, a leitura crítica é uma atividade complexa, entretanto, diferente de outras atividades, nem sempre são dadas as orientações necessárias para a realização dessa tarefa.

Cabe ao mediador da leitura promover reflexões que oportunizem aos estudantes construir e desconstruir interpretações possibilitando novos conhecimentos ou reafirmando antigos saberes. Contudo, o papel do mediador não se limita apenas a dar o *input* para promover a reflexão crítica, pois, conforme Petit (2009), a relação entre mediador e leitor nasce a partir do olhar atento para a história de vida do leitor, levando em conta suas particularidades e seu momento atual e conseqüentemente humanizando essa relação.

Sendo assim, ao tentar contribuir para a formação do leitor, na escola, é importante instigar os educandos à criticidade, oportunizar atividades que incluam a utilização da leitura de uma forma democrática, ética e crítica, que contribua para que os estudantes se tornem adultos reflexivos e livres para agir no mundo, pois “ler tem a ver com a liberdade de ir e vir, com a possibilidade de entrar à vontade em outro mundo e dele sair. Por meio dessas idas e vindas, o leitor traça a sua autonomia, mediante a qual ele se reconstrói [...]”. (PETIT, 2009, p. 92).

Além de pensarmos em liberdade de ir e vir devemos acrescentar a liberdade do pensamento e dar a ele também a autonomia para se direcionar para onde quiser. Essa liberdade é importante para que o indivíduo garanta o exercício da sua real cidadania. E para isso, é indispensável que ele compreenda, sem interferências de outras opiniões, a si, a sociedade a qual pertence e as dominações as quais está sujeito. É preciso estar atento, pois, de acordo com Petit (2009, p. 148),

Não é sem motivo que os poderes tenham temido tanto as leituras não controladas: a apropriação da língua, o acesso ao conhecimento, como também a tomada de distância, a elaboração de um mundo próprio, de uma reflexão própria, propiciados pela leitura, podem ser o pré-requisito, a via de acesso ao exercício de um verdadeiro direito de.

Sendo assim, a ação do mediador não se limita a oferecer leituras ao leitor, cabe também ao mediador, autorizar e legitimar leituras que sejam desencadeadoras de reflexões capazes de levar os indivíduos a autonomia. Sobre isso, Petit (2009, p. 148) diz: “Quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar legitimar, um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo.”

Para além disso, o gosto pela leitura dificilmente se dá a partir do simples contato com o texto. O amor pela leitura pode ser desencadeado através da emoção que o texto proporciona ao leitor ao deparar-se com o livro. Assim, no momento que relata sobre sua leitura, seus olhos brilham, sua sensação de prazer toca seu interlocutor a ponto de arrepiá-lo e suscitar nele uma vontade incontrolável de começar a ler. Esse tipo de leitor por si só já é um excelente mediador.

O gosto pela leitura também pode ser alcançado através da curiosidade e da necessidade, devido ao fato de que, quando o leitor esclarece suas dúvidas ou resolve algum problema por intermédio de conhecimentos propiciados pela leitura, ele agrega a ela um carinho especial. Nesse sentido, para o mediador fica o desafio

de encontrar a melhor forma de transmitir o amor pela leitura, sendo que uma das formas mais eficazes é o amor que o próprio mediador tem pelo ato de ler, isso é transmitido sem esforço, fica evidente no seu olhar, nas suas expressões corporais e nos seus relatos, mesmo que de forma intencional.

3 O PROCESSO DE EXTRAÇÃO E LAPIDAÇÃO DA JOIA – LEITOR

Os dados que trago neste trabalho tratam do imponderável, por isso, não há como trazer resultados numéricos. Por se tratar de uma pesquisa descritiva que se baseará em observações e análises de diversos aspectos subjetivos dos estudantes que serão observados durante o estudo. Diante disso, faz-se pertinente a utilização da abordagem qualitativa que, segundo Minayo (2001, p. 21),

Responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Através dessa abordagem é possível identificar e analisar de forma aprofundada os dados que não podem ser mensurados. Nesse sentido, podemos citar como dados não quantificáveis a observação e análise comportamental, as percepções, as intenções e os sentimentos.

Entende-se a abordagem qualitativa como a opção metodológica mais adequada para a elaboração desta pesquisa, pois as transformações sentidas pelos sujeitos participantes da pesquisa não se podem medir de maneira precisa, mas sim, deixam marcas em suas ações, modificam o tom da voz, a expressão facial ganha novas formas e todas as palavras ditas (e não ditas) ganham novas proporções na medida que pronunciadas.

Nesse tipo de abordagem, o pesquisador vai em busca da compreensão de uma situação, levando em conta a perspectiva das pessoas que estão envolvidas no processo, ou seja, a análise aprofundada sobre os sujeitos de pesquisa em um dado contexto. Observar e analisar cada detalhe, assim como, opiniões relevantes faz com que sejam extraídos do contexto, diferentes dados para serem analisados.

Assim, dispondo desses dados, torna-se possível compreender situações que levarão à resposta do problema de pesquisa. No decorrer da investigação, através das análises, as situações vão sendo esclarecidas ou reafirmadas.

Sendo assim, é importante dizer que o presente trabalho, por não se preocupar em quantificar os resultados das coletas de dados, mantém-se em acordo com a sociologia compreensiva, que entende que o foco das ciências deva ser a

compreensão da realidade humana vivida socialmente e, portanto mantendo o significado como foco central da pesquisa. (MINAYO, 2001).

Enquanto pesquisadora, trabalho com um problema que possibilita que eu interfira na questão abordada, atuando junto aos participantes da pesquisa; dizemos, então, que se trata de uma pesquisa-ação. Essa metodologia se propõe a ser

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2009, p. 16 apud TANAJURA; BEZERRA, 2015, p. 13).

Através da pesquisa-ação, então, investigarei de que forma as ações do mediador da leitura podem ser significativas para a formação do leitor. É importante ressaltar que se trata de uma pesquisa que exige a participação ativa do pesquisador. Resulta da análise de um problema efetivo identificado e, a partir disso, o pesquisador promoverá um plano de ação na tentativa de resolver o problema.

Ademais, a pesquisa-ação objetiva, além da identificação de problemas, promover metodologias que possam ser utilizadas durante a pesquisa com a intenção de obter resultados positivos em situações em que os métodos tradicionais não foram efetivos. Consiste na união entre a pesquisa e a ação em um processo no qual os sujeitos de pesquisa participam junto com o pesquisador.

O objetivo principal é aclarar a realidade em que os sujeitos de pesquisa estão inseridos, identificar problemas coletivos, buscar e experimentar soluções em situação real e ao mesmo tempo produzir novos conhecimentos. Ademais, segundo Gil (2008), o relacionamento entre o pesquisador e o pesquisado não se dá como mera observação do primeiro pelo segundo, mas ambos acabam se identificando e juntos, atingindo resultados.

A pesquisa-ação é perpassada por quatro importantes fases. A primeira é denominada como fase exploratória e consiste na identificação do problema pelo pesquisador; a segunda é a pesquisa aprofundada, que nada mais é que a aproximação do pesquisador com os sujeitos que serão pesquisados tendo como objetivo a compreensão da problemática; a terceira etapa é dedicada à ação. Nesta etapa o pesquisador planeja e aplica ações as quais ele entende que serão

benéficas para a resolução do problema; a quarta e última fase é dedicada a avaliação das ações, ou seja, a análise dos resultados obtidos a partir das ações.

Assim, a pesquisa-ação que realizei refere-se a uma proposta de trabalhar ações de leitura na Escola Estadual de Ensino Fundamental, na cidade de Feliz/RS, com uma turma de oitavo ano, que possuía dez alunos e com a qual também realizei meu estágio supervisionado em Língua Portuguesa. A escolha pela pesquisa-ação deu-se com o intuito de entender melhor o contexto onde a pesquisa foi aplicada, a interação com os alunos e a ação do mediador.

A coleta de dados se deu a partir de observações durante as aulas de língua portuguesa e de perguntas abertas sobre quais assuntos são interessantes para cada estudante dessa turma. A opção por perguntar sobre os assuntos interessantes ao invés de questionar “o que você gosta de ler” deu-se por pensar que talvez o público - alvo não tenha a leitura como prática habitual, o que se pôde comprovar no decorrer dos encontros.

A intenção dessa proposta foi de apresentar aos estudantes uma leitura que possa ser significativa para eles/elas. Por isso, é preciso estar atento às necessidades e interesses do leitor e ouvi-los antes de sugerir uma nova leitura. De acordo com Petit (2009, p. 174-175),

O que faz a felicidade de um entediará ou angustiará ao outro, tamanha é a diferença entre os leitores: de idade, sexo, geração, contextos sociais e culturais nos quais eles vivem, a história própria de cada um e a qual eles devem enfrentar. Tamanho é o inesperado que aí se encontra: pois os relatos, as frases que lhes falam que os revelam que os ajudam a dar sentido à sua vida e a resistir são frequentemente muito surpreendentes.

Após analisar os interesses que cada estudante demonstrou foi possível elaborar um projeto de ensino que trabalhou textos de diversos gêneros e de temáticas sugeridas por eles/elas. Realizamos um total de sete encontros. No primeiro, antes de iniciar as leituras os estudantes responderam a seguinte questão que chamaremos de “Pré-mediação” “Quem eu sou e como vejo o mundo?”. Ao final de cada um dos sete encontros, que chamaremos de “Mediação 1, 2, 3...” os estudantes responderam “O que os textos de hoje disseram sobre mim e sobre o mundo?”. No último encontro, os estudantes novamente responderam a primeira pergunta que chamaremos de “Pós-mediações”, “Quem sou eu e como vejo o mundo?”. Pelo fato da turma ser numerosa, neste trabalho serão analisadas

respostas de dois alunos por encontro, que serão escolhidas obedecendo ao critério de coerência com as leituras e discussões abordadas durante o encontro. Sabemos que todas as respostas são importantes, entretanto, como este estudo não pretende estender-se muito, decidimos reduzir as análises a fim de que comportasse a proposta de um trabalho de conclusão de curso de graduação. Contudo, os elementos que descobrimos nesta investigação servirão, certamente, para análises futuras e publicações na área da leitura e literatura. Por ora, estes dados contribuem para que, enquanto pesquisadora, eu possa “conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A linguística é um estudo da língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens”. (BARDIN, 1997, p. 44).

Nesse sentido, a técnica de análise de conteúdo foi aplicada para explorar as respostas dadas pelos estudantes sobre os questionamentos propostos durante este estudo, pois,

Do ponto de vista operacional, a análise de conteúdo inicia pela leitura das falas, realizada por meio das transcrições de entrevistas, depoimentos e documentos. Geralmente, todos os procedimentos levam a relacionar estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados e articular a superfície dos enunciados dos textos com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural e processos de produção de mensagem. Esse conjunto analítico visa a dar consistência interna às operações. (MINAYO, 2007 apud GHERARDT; SILVEIRA, 2009, p. 84).

Para manter a ética da pesquisa utilizei pseudônimos para cada estudante. Por acreditar que cada leitor, antes de lê-lo, é pedra bruta, que precisa ser lapidada, e também para representar o enorme carinho que tenho por esses estudantes, nomeei cada um/uma com o nome de uma pedra preciosa e, para isso, relatei a personalidade de cada um/uma com as características de uma pedra. São elas: Diamante, Rubi, Esmeralda, Jade, Safira, Turquesa e Ametista.

É importante esclarecer que esta pesquisa-ação foi realizada em uma turma composta por dez estudantes, mas, no decorrer do projeto, ocorreu a transferência de um deles para outra escola e outros dois, por não comparecerem em diversas aulas, participaram parcialmente da pesquisa e, por conta disso, não conseguiram responder a questões que julgamos ser essenciais para esta investigação. Neste caso, serão analisados os dados referentes à participação dos sete participantes anteriormente citados.

4 EXPLORANDO A MINA

Antes de apresentar a trajetória percorrida em cada encontro com os estudantes, faz-se necessário pontuar que as temáticas trabalhadas durante o projeto foram sugeridas por eles. A escolha dos textos foi feita levando em consideração os assuntos de interesse deles/delas relacionando com os conteúdos que deveriam ser trabalhados por se tratar também do momento de realização do meu estágio curricular de Língua Portuguesa.

4.1 MACHISMO

No primeiro encontro, expliquei que a partir das músicas que eu iria colocar para tocar, eles/elas deveriam reconhecer o assunto que seria abordado naquela aula. Entreguei letras impressas para que pudessem acompanhar o áudio das músicas “Vidinha de balada”, de Henrique e Juliano (Anexo A-1), “Por causa de você”, de Kelly Key (Anexo A-2), e “Formosa”, de Vinícius de Moraes (Anexo A-3). Questionei em que aspectos as músicas se assemelhavam, se havia uma temática comum entre as letras e qual era o tema central delas.

Os estudantes refletiram por um instante, e em alguns minutos disseram que já haviam descoberto o tema da aula. Perguntei qual era o tema e responderam que era machismo. Perguntei como eles haviam chegado nessa resposta e a maioria deles/delas relataram que ficou evidente na última frase da primeira estrofe da música “Vidinha de balada”, que trazia a seguinte frase “Tô afim de você e se não tiver ‘cê’ vai ter que ficar”. A partir disso, perguntei por que essa frase significava uma representação de machismo. Alguns responderam que nessa frase ficava claro que a mulher teria que ficar com o homem mesmo que ela não quisesse.

Após essas reflexões, convidei os estudantes a analisarem as demais letras e solicitei que, na medida em que fossem encontrando outras situações de machismo, fossem relatando e discutindo cada frase com a turma. Mantiveram-se engajados com as discussões e trouxeram relatos sobre situações de machismo que acontecem em suas casas. Salientei a importância de estarmos informados sobre o assunto a fim de refletir sobre a sociedade, nossas relações interpessoais e, principalmente, sobre o quanto de concepções machistas estão internalizadas em

nós, pois, na medida em que identificamos, em nós ou no outro, uma atitude machista é o primeiro passo para tentar desconstruir e, a cada desconstrução de machismo, criam-se as possibilidades de construirmos uma sociedade melhor.

Nesse momento, Jade se posicionou da seguinte maneira: *“Com algumas coisas que você está falando eu concordo, mas com outras não, porque vejo mulheres andando em vias movimentadas e com shorts extremamente curtos. Não acho isso certo, porque isso pode provocar os homens e por isso elas são agredidas”*.

As considerações de Jade foram muito importantes para mim, pois, nesse momento, ficou ainda mais clara a importância do trabalho que eu estava fazendo. Percebi que muito mais do que eu imaginava, o machismo assombra as concepções das famílias desses estudantes e, conseqüentemente, se instala como verdade no pensamento desses jovens, como observado na fala de Jade e também como podemos verificar no relato de Turquesa que diz, o seguinte: *“Meu pai é muito machista, vive maltratando e humilhando a minha mãe e eu. Nós duas somos a empregada dele. Ele fica sentado no sofá e temos que fazer tudo para ele, mas o que eu mais odeio é que meu irmão pode fazer o que quiser só por ser homem e eu não posso fazer quase nada porque sou mulher. Odeio meu pai”*.

Para este encontro, eu havia levado a obra *“Sejamos todos Feministas”*, de Chimamanda Ngozi Adichie, e realizei a leitura de alguns relatos narrados pela autora que mostram as dificuldades que as mulheres encontram na sociedade, simplesmente pelo fato de serem mulheres, ao realizarem atividades simples, coisa que um homem realizaria sem encontrar nenhum obstáculo. Após a leitura, alguns dos estudantes contribuíram com relatos de suas vidas que se relacionavam com os que a autora descreve em sua obra. Analisando os relatos da autora e os relatos dos estudantes, é pertinente observarmos a seguinte informação:

Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. Se só os meninos são escolhidos como monitores da classe, então em algum momento nós todos vamos achar, mesmo que inconscientemente, que só um menino pode ser o monitor da classe. Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar “normal” que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens. (ADICHIE, 2014, não paginado).

Sendo assim, podemos perceber que, devido ao fato de que estes jovens estão diariamente expostos a diversas manifestações de machismo, alguns

conceitos, como o que Jade mencionou, se tornam naturais e legitimados por eles. Por acreditar na possibilidade de construção de uma sociedade menos machista, estimulada pelo conceito de Yunes (2002) quando diz que “Ler é condição de estar no mundo, criando-o outra vez”, ofereci aos estudantes a leitura como instrumento capaz de promover a reconstrução de um mundo onde as diferenças entre homens e mulheres sejam apenas as biológicas. Conforme Adichie (2014, não paginado):

Homens e mulheres são diferentes. Temos hormônios em quantidades diferentes, órgãos sexuais diferentes e atributos biológicos diferentes – as mulheres podem ter filhos, os homens não. Os homens têm mais testosterona e em geral são fisicamente mais fortes do que as mulheres.

Estes escritos da autora apontam para as diferenças biológicas entre homens e mulheres. Contudo, dialogam com os exemplos citados pela Turmalina que relata sua insatisfação devido às atitudes de seu pai que, pelo fato de ela ser mulher, a trata como se não tivesse o direito de fazer as mesmas coisas que o seu irmão. O pai deixa em evidência as diferenças no modo de agir e educar os filhos de gêneros distintos. Essas diferenças também são relatadas com clareza na obra “Sejamos todos Feministas”.

Existem mais mulheres do que homens no mundo – 52% da população mundial é feminina, mas os cargos de poder e prestígio são ocupados pelos homens. A já falecida nigeriana Wangari Maathai, ganhadora do prêmio Nobel da paz, se expressou muito bem e em poucas palavras, quando disse que quanto mais perto do topo chegamos, menos mulheres encontramos. Na última eleição dos Estados Unidos, ouvimos, com frequência, falar da lei Lilly Ledbetter, que visa à equiparação salarial das mulheres. Se formos além do nome bonito e aliterativo, o significado é o seguinte: nos EUA, quando um homem e uma mulher têm o mesmo emprego, com as mesmas qualificações, se o homem ganha mais é porque ele é homem. Então, de uma forma literal, os homens governam o mundo. Isso fazia sentido há mil anos. Os seres humanos viviam num mundo onde a força física era o atributo mais importante para a sobrevivência; quanto mais forte a pessoa, mais chances ela tinha de liderar. E os homens, de uma maneira geral, são fisicamente mais fortes. Hoje, vivemos num mundo completamente diferente. A pessoa mais qualificada para liderar não é a pessoa fisicamente mais forte. É a mais inteligente, a mais culta, a mais criativa, a mais inovadora. E não existem hormônios para esses atributos. Tanto um homem como uma mulher podem ser inteligentes, inovadores, criativos. Nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar. (ADICHIE, 2014, não paginado).

Portanto, acreditando que a leitura é sinônimo de possibilidade, de autonomia e de libertação, busquei, através da mediação, fazer com que os estudantes refletissem através da leitura das letras de algumas músicas, e, para isso, orientei a

turma a se dividirem em dois grupos. Para um grupo entreguei as letras das canções “Amélia”, de Mário Lago (Anexo A-4), e “Mulheres”, de Martinho da Vila (Anexo A-5). Para o outro, entreguei as letras “Desconstruindo Amélia”, de Pitty (Anexo A-6), e “Mulheres”, de Doralycia e Silva (Anexo A-7). Coloquei as músicas para tocar, primeiro “Mulheres”, de Martinho da Vila, e “Amélia”, de Mário Lago, e depois pedi para que ouvissem “Desconstruindo Amélia”, de Pitty, e “Mulheres”, de Doralycia e Silvia. Orientei para que os dois grupos debatessem sobre as letras e identificassem por que se fez necessário criar uma releitura da letra original.

Na sequência, solicitei que cada estudante do grupo que tinha as letras originais escolhesse uma estrofe de alguma das músicas analisadas para que cada colega do outro grupo pudesse responder com uma estrofe da releitura que fosse capaz de desconstruir as situações de machismo presente na letra. Iniciamos a atividade e, oralmente, começaram os debates em forma de estrofes. De um lado, um estudante do grupo (A) leu sua estrofe escolhida e um estudante do grupo (B) respondeu com a leitura de uma estrofe que desconstruía a de seu oponente.

O objetivo deste encontro, além de atender ao pedido da turma que relatou ter interesse sobre o tema machismo e desejaram que este fosse abordado em sala de aula, era fazer com que os estudantes se aproximassem, através da leitura, de um problema social a fim de refletir e se posicionar criticamente sobre a questão, pois, de acordo com Michèle Petit,

O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes [...] ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo. (PETIT, 2008, p. 28).

Compreendo que esses movimentos de desconstrução e construção que o texto faz com os pensamentos do leitor tira-o de sua zona de conforto, e, aos poucos, velhos conceitos, às vezes antiquados, ou que foram consolidados sem termos feito uma análise do porquê guardamos isso na nossa mente como verdade absoluta, dão lugar a outras possibilidades de enxergar o mundo. Essa movimentação inicialmente pode ser desconfortável para o leitor, mas, na medida em que este conseguir visualizar a infinitude de possibilidades que temos para ler tudo que está na nossa volta, pode ser tomado por um sentimento de liberdade, pois nunca mais irá se sentir pressionado a ler através das lentes de outros, poderá saber onde encontrar a coerência do seu pensar. Posterior a isso, o coração acalma,

os pensamentos se acomodam, aclaram, e, por fim, como produto final, o leitor constrói sua autonomia.

Como atividade de encerramento desse encontro, propus a leitura e a interpretação do poema “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo. Depois de debatermos sobre as informações contidas no poema, pedi que cada um deles/delas expressasse seus sentimentos suscitados através da leitura, escrevendo uma frase no quadro com a finalidade de construir um novo poema inspirado no poema “Vozes-Mulheres”. E o resultado dessa atividade foi o poema abaixo:

Voz de Nós Mulheres

Minha voz ecoará mais tranquilidade e a voz da minha filha justiça.
 A voz do meu filho ecoará mais respeito e valorização aos professores.
 A minha voz ecoará mais igualdade.
 A minha voz ecoará a felicidade de ver a mulher com espaço na sociedade.
 A voz dos meus filhos transmitirá um futuro onde as mulheres serão livres de violência.
 Que minha voz ecoe menos casos de feminicídio.
 A voz da minha filha ecoará conquistas.
 A voz da minha filha ecoará mais tolerância entre as pessoas.
 A voz da minha filha ecoará mais união entre os gêneros.
 A voz da minha filha ecoará paz,
 E assim, todos experimentarão um mundo diferente.
 (TURMA OITAVO ANO)

Percebemos no poema elaborado pelos estudantes que a maioria deles/delas demonstra ter esperança de que seus filhos viverão em um mundo melhor. Sinto-me feliz por saber que eles/elas acreditam em dias melhores, e por poder evidenciar que, se acreditam, são conscientes de que, atualmente, a nossa sociedade é composta por inúmeros desajustes. Fatos que me alegram porque considero que o reconhecimento do erro é um primeiro passo em direção ao acerto.

Por outro lado, se eles acreditam em mundo melhor para seus futuros filhos, me questiono se eles/elas já desistiram de verem suas próprias vozes dando as boas novas para seus futuros filhos. Ao final deste encontro, os estudantes responderam à questão referente à Mediação 1 “O que os textos de hoje disseram sobre mim e sobre o mundo?”.

Jade contribuiu com a seguinte resposta: *“Sempre achei que era natural os privilégios que os homens têm. Por exemplo, na minha casa é meu pai que sempre escolhe qual canal da TV que vamos assistir, é o único que não precisa lavar a louça, limpar a casa e lavar roupas. Minha mãe também trabalha fora e quando chega em casa é ela que tem que fazer todo o serviço da casa, mas ela acha isso normal e diz que as atividades da casa são de responsabilidade da mulher.”*

Diamante, ao responder o mesmo questionamento fez a seguinte revelação: *“Na aula de hoje percebi que tenho muitos pensamentos machistas. Sempre pensei que os homens são mais fortes e importantes que as mulheres. Eu danço no CTG desde pequeno e lá sempre é mostrado que o homem é mais forte que a mulher.”*

Diante dessa resposta, mais uma vez pode-se evidenciar o quanto se faz pertinente promover aos estudantes momentos de leitura, interpretação e reflexão. Não há garantia de que esse estudante possa mudar suas atitudes e pensamentos machistas, mas ter refletido através dos textos trabalhados em aula é um ótimo primeiro passo para uma reconstrução de sentido para si. Ademais, apresentar aos estudantes a leitura como forma de repensar sobre si e sobre o mundo é um dos objetivos dessa pesquisa-ação e, sendo assim, uma resposta como a de Diamante me mostram que estou no caminho certo.

Para além disso, podemos analisar o relato de Diamante através das lentes de Petit (2009, p. 284), no momento em que ela fala que a leitura “para além do caráter envolvente, protetor, habitável, da leitura, uma transformação das emoções e dos sentimentos, uma elaboração simbólica da experiência vivida tornam-se, em certas condições possíveis”. Pois ao sentir-se tocado pela emoção suscitada pela leitura é possível que Diamante possa transformar seus pensamentos.

4.2 BULLYING NÃO CABE NO NOSSO MUNDO

Iniciei a aula entregando para cada um/uma tirinhas da turma da Mônica repletas de *bullying* entre os personagens. Instiguei para que descobrissem qual era a temática que seria abordada na aula. Após a leitura das tirinhas, os estudantes perceberam a existência de *bullying* entre as falas dos personagens e conversamos sobre a presença ou não desta prática na sala de aula.

Nesse momento, os alunos citaram diversas situações que ocorrem diariamente na escola. Diante desses relatos, propus que ficassem à vontade para falar com os colegas sobre os seus sentimentos no momento em que sofrem as agressões, tendo como objetivo mostrar aos praticantes do *bullying* que tais atitudes não são brincadeira, não são engraçadas e que ferem o psicológico de quem é a vítima, ao ponto de desencadear algumas doenças.

Expus o vídeo “Melhor maneira de acabar com o *bullying*” e, a partir dele, retomamos os casos vivenciados por eles em sala de aula, nos momentos que praticaram, sofreram ou presenciaram tais cenas; recriamos esses momentos através de encenações com o intuito de pôr em evidência as questões apontadas pelo vídeo.

Posterior a isso, entreguei aos estudantes um texto do livro “Bullying: mentes perigosas nas escolas”, de Ana Beatriz Silva, e as leis de combate à intimidação sistemática (BRASIL, 2018 e 2015) para que identificassem o que é e o que caracteriza *bullying*.

Após a leitura do texto, conversamos sobre as informações trazidas por ele e os estudantes relataram que estavam surpresos, porque muitas coisas que estavam no texto eles/elas não sabiam que caracterizava *bullying*.

Orientei para que formassem duplas e expliquei que cada dupla deveria posicionar-se à frente da turma e proferir, para o colega, um insulto (expliquei que se tratava de uma representação teatral de uma cena de *bullying*, para que não houvesse agressões entre os colegas).

Questionei qual foi a sensação que tiveram no momento do insulto (tanto no momento que praticavam a ação, quanto quando sofriam a ação) e também qual foi a sensação dos colegas ao assistir os insultos. Os estudantes relataram que, normalmente, no momento em que estão praticando o *bullying* não pensam no que o outro está sentindo e para eles é como se fosse uma brincadeira divertida. Durante essa conversa, Diamante relatou: “*Há alguns dias, nós todos da turma, estávamos praticando bullying contra um menino gordinho de outra turma e o menino não aguentou e começou a chorar. Até ele começar a chorar, para nós, era uma brincadeira, mas quando vimos chorando nos sentimos mal pelo que tínhamos feito.*”

Como atividade final, solicitei que formassem duplas para praticar (em forma de cenas teatrais) as atitudes de combate ao *bullying* conforme as orientações do

vídeo apresentado no início da aula, visto que, segundo Yunes (2002, p. 89), “O teatro, portanto, alia-se as demais linguagens artísticas – a música, a literatura, o cinema, as artes visuais, por exemplo – para representar esteticamente as perspectivas diversas com que o homem se defronta na sua interação com o real”.

Além disso, sugeri a construção de cartazes com o propósito de combater o *bullying* na escola, e foram expostos nas dependências do prédio. Por acreditar na leitura como ferramenta transformadora, o principal objetivo deste encontro foi propiciar aos estudantes um momento com os textos que possibilitasse a reflexão e o entendimento sobre o *bullying* e suas consequências, a fim de que pudessem compreender que, em hipótese alguma, o tema pode ser considerado uma brincadeira escolar. Deste modo, Silva (1998, p. 24) defende:

Por ser um instrumento de aquisição, transformação e produção de conhecimento, a leitura, se acionada de forma crítica e reflexiva dentro ou fora da escola, levanta-se como um trabalho de combate à alienação, capaz de facilitar às pessoas e aos grupos sociais a realização da liberdade nas diferentes dimensões da vida. Por isso mesmo, considerando as contradições presentes em nossa sociedade, uma concepção de leitura não pode deixar de incluir movimentos da consciência, voltados ao questionamento, à conscientização e à libertação.

Nos momentos finais da aula os estudantes responderam ao questionamento referente à Mediação 2 “O que os textos de hoje disseram sobre mim e sobre o mundo?”.

Safira respondeu: “*Os textos de hoje me disseram que o bullying não é uma brincadeira. Que quem sofre bullying pode desenvolver vários problemas que podem ser permanentes durante suas vidas. O mais engraçado é que nos divertimos fazendo bullying mesmo sabendo o quanto é ruim estar no lugar da vítima. Eu nunca tinha pensado que ao praticar bullying eu poderia estar prejudicando para sempre a vida da pessoa. Ter aprendido isso hoje foi o que me fez pensar que bullying não é brincadeira.*”

Vemos que para Safira, neste encontro, uma frase foi a responsável por fazê-la refletir “*Bullying não é brincadeira*”.

Assim, podemos entender que não é o número de leituras que é significativa para a formação e compreensão do leitor e sim a qualidade em termos de possibilidades de reflexão que o texto proporciona. Assim sendo, devemos considerar o que diz Petit (2009):

Certamente, a importância da leitura não pode ser avaliada unicamente a partir de cifras, do número de obras lidas ou emprestadas. Às vezes, uma única frase, transportada para um caderno ou para a memória, ou mesmo esquecida, faz com que o mundo fique mais inteligível. Uma única frase que impele aquilo que estava imobilizado em uma imagem e lhe dá vida outra vez, quebra os estereótipos, clichês aos quais se aderira até então. (PETIT, 2009, p. 77).

Assim respondeu Ametista, acerca do questionamento da Mediação 2: *“Os textos de hoje me fizeram pensar que todos nós somos diferentes e por isso não devemos praticar bullying com as diferenças dos outros. Devemos aceitar as diferenças. O texto que estudamos na aula explicou o que era bullying e os vários tipos que existem, assim percebi que já pratiquei bullying consciente e inconscientemente.”*

Através de inúmeras pesquisas que tinham como objetivo unir os jovens e a leitura, Petit (2019) pode afirmar, por meio dos diversos resultados encontrados, que a leitura é uma porta de acesso a uma diversidade de pontos de vistas. Através do ato de ler, é possível que se aprenda a ser mais tolerante, mais aberto e, conseqüentemente, passamos a ter menos barreiras. Desse modo, na resposta da Ametista, observa-se a quebra de barreiras e o desenvolvimento de maior tolerância, ou seja, a teoria da autora novamente se efetiva na prática e fortalece minha relação com esses conceitos.

4.3 ANOREXIA

Convidei os estudantes para irmos para a sala de vídeo para assistirmos o trailer do filme “O Mínimo para viver” e o clipe “Anorexia”. Posicionei a boneca Barbie sentada na minha mesa. Após, questionei a turma sobre a temática presente nos vídeos e sobre o que já possuem de conhecimento prévio sobre o assunto. Relataram que ambos os vídeos falavam sobre anorexia e duas alunas quiseram compartilhar suas experiências com a doença. A primeira delas foi Safira, que disse: *“Professora, não sei se você lembra, mas o tema da aula de hoje foi sugerido por mim. Eu escolhi esse tema porque a anorexia marcou minha infância, quando eu era pequena minha família lutou muito para salvar a vida da minha irmã que era anoréxica, foram alguns anos de sofrimento e por isso que esse assunto me interessa tanto.”*

Turmalina contou que, no passado, também sofreu com esse distúrbio alimentar e que atualmente precisa se controlar muito para não retomar os velhos hábitos que a levaram a anorexia. Perguntei a ela se gostaria de compartilhar com os colegas como iniciou seus primeiros sintomas e como ela faz para lutar contra isso. Ela respondeu: *“Começou quando eu olhava no espelho e me achava horrorosa e gorda, ficava me comparando com atrizes, modelos, cantoras e cada vez eu me achava mais feia, depois disso eu começava a fazer dietas muito malucas até ficar extremamente magra, mas nunca era o suficiente, eu sempre queria emagrecer mais. Até que a minha mãe percebeu e começou a me monitorar. Hoje não faço mais isso, mas muitas vezes tenho os mesmos pensamentos de antes e preciso controlar para não voltar a fazer aquelas loucuras.”*

Diante dos relatos, instiguei a turma a pensar sobre que fatos podem favorecer o desencadeamento de distúrbios alimentares tais como a anorexia e a bulimia. Antes que trouxessem suas reflexões, resolvi esclarecer a presença da boneca Barbie na sala de aula, já que a maioria deles havia questionado. Perguntei se alguém da turma em algum momento desejou se parecer com a Barbie e muitos responderam que sim. Sugeri que pensassem na boneca como uma mulher adulta e que imaginássemos qual seria o peso e as medidas dessa mulher. Nesse momento, chegamos à conclusão de que se trataria de uma mulher extremamente magra, e, ao pensarmos que ela poderia ter mais ou menos 1,80 cm de altura, poderíamos arriscar em dizer que essa boneca representaria as medidas de uma mulher com anorexia.

Questionei-os se conheciam alguma boneca, da marca Barbie, que possuísse estrutura corporal diferente da tradicional e Esmeralda respondeu que todas tinham o mesmo padrão exceto a boneca Barbie grávida. Perguntei a eles o que pensavam sobre as bonecas manterem um mesmo padrão corporal enquanto a população é composta por pessoas com variadas estruturas corporais. Jade respondeu: *“Ter um corpo magro significa ser bonita, e isso, é a realidade em todos os lugares, por exemplo, minha mãe está sempre controlando o que eu vou comer e, me diz que, se eu ficar muito gorda, nenhum menino vai querer namorara comigo, como se uma pessoa gorda não tivesse valor nenhum.”*

Rubi trouxe os exemplos das lojas de roupas que ela raramente consegue encontrar tamanhos maiores como se só existissem manequins 36 e 38 e

acrescenta que quando encontra roupas maiores normalmente são ridículas e inadequadas para sua idade. Diamante, instigado pelas informações sobre os vídeos transmitidos no início da aula, pensou sobre os programas de televisão nos quais geralmente os atores e atrizes principais são pessoas magras.

Posterior a isso, refletimos sobre ditadura da beleza, os estereótipos e orientei a leitura do texto “Anorexia e Bulimia” presente na página 29 do livro *Bullying: mentes perigosas nas escolas*, de Ana Beatriz Barbosa Silva. Após a conversa e reflexão sobre o texto, solicitei a formação de duplas ou trios para elaboração de uma pesquisa sobre mídias de massa e ditadura da beleza relacionando com o tema anorexia.

Expliquei que cada dupla ou trio, após a realização da pesquisa, deveria apresentar suas construções para a turma. Além da apresentação para os colegas, os grupos deveriam escrever um poema com o tema “Ana” e “Mia” que simboliza anorexia e bulimia. Da turma, apenas Ametista conseguiu elaborar o texto em forma de poema, apresentado a seguir.

Anorexia é uma doença que precisa de atenção

Tem também a bulimia

Essa doença,

Que vem aumentando muito

Entre a população

Alunos fizeram a pesquisa

Para os verbos criar

Relatando este problema

Para as pessoas alertar

Faça uma reflexão

Tome muito cuidado

Com sua alimentação

Pois a tal bulimia

Precisa de atenção

Está ligada também a perfeição

Corpo de modelo

Querem em vão

Medo de engordar

Vai logo vomitar

Preste atenção!
 Coma certo então
 E não desperdice
 Sua vida então! (AMETISTA)

Refletindo sobre esse encontro, foi possível, através dos relatos dos estudantes, vivenciar na prática o que Petit defende sobre a leitura como fator terapêutico. Diz a autora:

O encontro com o livro coloca o leitor em movimento e lhe permite se conciliar com a sua vida interior, “suspensa, parada, fraturada pelo sofrimento psíquico”. “O encontro permite a exploração e a travessia dos espaços de catástrofe, ao final do trabalho psíquico que se apoia no trabalho literário. Tornando-se leitor, uma passa a ser ator e autor da própria vida, formulando o seu próprio texto”. (PETIT, 2009, p.130-131).

Os textos trabalhados nessa aula fizeram com que Jade e Turmalina explorassem seus espaços de catástrofe e assumissem a posição de autoras dos textos de suas vidas e, conseqüentemente, pudessem ressignificar suas trajetórias.

Nesse sentido, é pertinente trazer presente o personagem João José (o professor) da obra “Capitães da Areia”, de Jorge Amado, e sua relação com os livros, assim como a evidência do poder libertador que a leitura tem, principalmente, quando nos encontramos em situação de crise, pois o personagem professor, apoiado na literatura, também explorava seu espaço de catástrofe e, para além disso, através da leitura conseguia se transportar para lugares menos dolorosos do que a sua realidade:

O treino diário da leitura despertara completamente sua imaginação e talvez fosse ele o único que tivesse uma certa consciência do heroico das suas vidas. Aquele saber, aquela vocação para contar histórias, fizera-o respeitado entre os Capitães da Areia, se bem fosse franzino, magro e triste, o cabelo moreno caindo sobre os olhos apertados de míope. Apelidaram-no de Professor porque num livro furtado ele aprendera a fazer mágicas com lenços e níqueis e também porque, contando aquelas histórias que lia e muitas que inventava, fazia a grande e misteriosa mágica de os transportar para mundos diversos, fazia com que os olhos vivos dos Capitães da Areia brilhassem como só brilham as estrelas da noite da Bahia. (AMADO, 1937, p. 41).

Para responder ao questionamento final da Mediação 3 “O que os textos de hoje disseram sobre mim e sobre o mundo?”, Rubi escreveu que havia compreendido que “*Hoje, após o texto lido e os vídeos assistidos, descobri que se*

eu me sinto bem com o meu corpo, não preciso ficar tentando emagrecer o tempo todo para agradar aos outros. Ninguém deve fazer isso!”

Turmalina contribui dizendo: *“A aula de hoje me ensinou que devo ter uma alimentação boa e aceitar meu corpo como ele é.”*

Os relatos de Rubi e Turmalina nos mostram que a leitura abre também um acesso para o nosso interior e pode nos fazer explorar esse território de modo que possamos dar nome às dores e aos amores que sentimos. Conforme Petit (2019, p. 108), “Os textos lidos abrem aqui um caminho em direção à interioridade, aos territórios inexplorados da afetividade, das emoções, da sensibilidade; a tristeza ou a dor começam a ser denominadas.”

Ao encerrarmos o encontro, questionei cada um/uma sobre o que aprendeu durante os trabalhos compartilhados com e pelos colegas e cada um disse haver aprendido algo novo. O projeto de pesquisa-ação que elaborei para essa turma tinha como foco principal a formação do leitor e para chegar a esse resultado, durante cada encontro, foi necessário observar que ações enquanto mediadora eu poderia utilizar para despertar nesses alunos o apreço pela leitura.

Com base nisso, todas as aulas oportunizariam a leitura de diferentes textos e temáticas, pois, conforme Petit (2009), ao nos formarmos leitores passamos a ser responsáveis pela escrita da nossa própria história e é essa autonomia proveniente do ato de ler que objetivei fazer com que os estudantes percebessem, a fim de que construíssem suas próprias reflexões sobre si e o mundo.

Sendo assim, realizar a pesquisa sobre anorexia e bulimia e, posterior a isso, apresentar suas compreensões sobre a temática para os colegas, favoreceu o entendimento do texto e, para além disso, fez com que formulassem suas próprias reflexões sobre o assunto no momento em que apresentaram para a turma.

4.4 PRECONCEITO

Neste encontro, entreguei a cada estudante a poesia “Preconceito”, de Rodolfo Pamplona Filho (Anexo A-8) e solicitei que fizessem a leitura do texto e refletissem sobre ele; posterior a isso, discutimos sobre o que podemos compreender de nós mesmos a partir da poesia lida. Conversamos sobre diversos tipos de preconceitos existentes na sociedade e para fomentar a reflexão mostrei os

vídeos “Ninguém nasce preconceituoso” e o clipe da música “Elevação mental”, da Triz (Anexo A-9) e distribuí a letra impressa para que todos pudessem analisar. Foi possível perceber que a música foi significativa para os estudantes, pois, pediram para repetir o áudio e se mantiveram engajados na discussão sobre a letra. Orientei que cada um /uma refletisse sobre si e escrevesse em um papel qual preconceito possui sem precisar se identificar. Após, solicitei que colocassem seus papéis em uma urna que levei para a sala de aula. No quadro, escrevi a palavra “Desconstruir”. Abri a urna e comecei a retirar cada papel com os preconceitos que os estudantes haviam escrito neles. Para cada palavra retirada, eu perguntava à turma de que forma podemos desconstruir o preconceito citado e todas as sugestões apontadas por eles foram escritas no quadro.

Sobre a atividade de desconstrução de preconceitos é importante ressaltar que o objetivo foi mostrar que somos todos preconceituosos e que precisamos desconstruir esses pré-conceitos para podermos nos construir melhores cidadãos e junto a isso tornar nossa sociedade um lugar de liberdade e paz para todos/todas.

Aproveitando a motivação dos estudantes em desconstruir ideias preconceituosas convidei-os a passar essa ideia adiante. Sugeri a elaboração de um projeto chamado mediadores da leitura que deveria ser construído durante as próximas aulas. Expliquei que a proposta era criar uma história infantil e, no final do projeto, contar a história para as turmas de primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental. A construção do conto deveria ser feita de forma que envolvesse todos os estudantes da turma. Os estudantes mostraram interesse pela ideia.

Após a aceitação de todos/todas, iniciamos com as atividades do projeto. Levei para a sala de aula alguns livros de histórias infantis que estavam disponíveis na biblioteca para mostrar aos estudantes a estrutura desse tipo de texto. A recepção dos estudantes com os livros foi algo que me emocionou muito, pois, a primeira atitude que tiveram, foi de pedir a mim que contasse a eles uma das histórias. Atendi ao pedido, e, os olhares, a concentração e até mesmo a emoção que foi possível observar em cada um deles me tocaram de maneira muito particular. Quando acabei de contar a história, alguns estudantes relataram que era a primeira vez que alguém havia contado uma história a eles /elas. Perguntei-lhes o que sentiam enquanto ouviam a história e alguns responderam que sentiam como se

fosse um ato de carinho e outros relataram que dava uma sensação de tranquilidade, assim como teoriza Petit quando diz:

A leitura consola, acalma, pois aciona nossos registros traumáticos mais obscuros. Ela reconduz cada um a seu âmago, “ao centro do conhecido que nos dá origem” e, “é terapêutica, pois as representações oferecidas despertam o que dorme ou é ignorado em nós, ressuscitam pedaços de história, fragmentos de memórias, os vapores de sensações esquecidas”. Consequentemente, a leitura e a vida são tão estreitamente vinculadas que pouco interessa “diferenciar o que pertence ao leitor do que pertence ao escritor. A leitura, ao inspirar a vida interior, instaura um processo terapêutico discreto, cujo poder talvez não consigamos medir. (PETIT, 2019, p. 113-114).

Posso dizer que este encontro, foi um dos que mais me tocou emocionalmente durante o período em que estive com eles/elas, pois, em nenhum momento, enquanto planejei este encontro, imaginei que o fato de levar livros infantis para estudantes do oitavo ano pudesse ser tão significativo para eles. Entretanto, Goldin (2012, p. 46) considera que “Sem dúvida, ao contar histórias, oferecemos às crianças um arsenal de vivências e de personagens para brincar de viver. São como tapumes com os quais construirão casas, cidades e avenidas onde morar e por onde transitar.”

Refletindo sobre o posicionamento do autor ficou mais fácil compreender as atitudes dos estudantes perante as leituras infantis, pois, é possível que essas leituras os ajudem, de forma lúdica, a administrar os dilemas reais existentes em suas vidas. Ao dar sequência à aula, os estudantes procederam com a escolha do tema e optaram por trabalhar com a temática “Inclusão” e, como título para história, escolheram “As diferenças”. Após o delineamento do tema, partimos para construção dos personagens e revisamos as estruturas do gênero conto, visto que, já haviam estudado esta tipologia textual anteriormente.

Como tema de casa, orientei que cada um/uma escrevesse um conto levando em consideração o que foi decidido pela turma (sobre temática e personagens) para que no próximo encontro fosse feita a escolha de uma das histórias trazidas por eles/elas e aprimorarmos e utilizarmos durante o projeto.

Ao responder a questão mediadora de número 4, “O que os textos de hoje disseram sobre mim e sobre o mundo?”, Esmeralda se expressou da seguinte maneira: *“A aula de hoje me fez pensar que muitos preconceitos já foram vencidos, porque, em outros tempos, se eu falasse que era bissexual acredito que haveria*

muito mais rejeição do que existe hoje em dia. Ainda sofro muito preconceito por causa disso, a minha própria mãe já me magoou muito dizendo que eu não deveria ter nascido já que sou tão estranho. Mas como falei, muita coisa já foi vencida e isso me dá esperança de vencer muito mais obstáculos.”

Percebe-se que a leitura também pressupõe alguns riscos para o leitor, uma vez que cada leitor pode receber um mesmo texto de forma diferente. E, para além disso, não é possível saber qual dimensão esse texto pode atingir. No caso de Esmeralda, o texto a levou para um lugar desconfortável, pois lhe trouxe à margem sua maior tristeza. Todavia, apesar de dolorosa, tais reflexões podem ser benéficas se analisarmos sob a ótica da escritora Michèle Petit quando diz:

O leitor vai ao deserto, fica diante de si mesmo; as palavras podem jogá-lo para fora de si mesmo, desalojá-lo de suas certezas, de seus “pertencimentos”. Perde algumas plumas, mas eram plumas que alguém havia colocado nele, que não tinham necessariamente relação com ele. E às vezes tem vontade de soltar as amarras, de mudar de lugar. (PETIT, 2009, p. 147).

Assim, indo ao encontro do que diz a autora, ao responder à Mediação 4, Jade se manifesta: *“Os textos de hoje foram muito importantes, porque descobri que algumas coisas que eu penso são preconceitos e eu achava que não era. Fazemos muitas coisas sem pensar e isso é um grande erro.”*

Sabidamente, Jade declara que um dos maiores problemas da sociedade provém da falta de habilidade das pessoas em refletir criticamente sobre si e sobre o mundo. Assim, a cada novo encontro e a cada resposta desses estudantes é notável um aumento gradativo do brilho dessas pedras preciosas que vamos (re)descobrimos. Um brilho proveniente da lapidação que cada texto propicia. O brilho que trará luz para a trajetória de cada um, pois uma vez que experimentaram as delícias de pensar o mundo com autonomia, de abrir-se para várias possibilidades, de saborear a liberdade advinda do texto, acredito que jamais retrocederá.

4.5 CONTANDO HISTÓRIA

Iniciamos a aula com a leitura dos contos que os estudantes produziram como tema de casa. Cada um procedeu com a leitura do que havia produzido. No final

das leituras, perguntei a eles/elas se gostariam de escolher uma das histórias para utilizarmos no projeto, mas como cada um deles/delas havia trazido aspectos interessantes que agradaram a turma, optaram por juntar os pontos que julgaram mais importantes de cada história e construir em conjunto uma nova história. Sendo assim, pedi para que cada um apontasse os pontos importantes que identificaram no conto de cada colega e anotei no quadro tudo que haviam escolhido. Após a realização dessa garimpagem feita por eles/elas nos textos, orientei que lessem os apontamentos no quadro para que conseguíssemos criar a nova história, e assim, juntando a ideia de cada um/uma, nasceu uma nova história, como podemos observar no texto abaixo:

AS DIFERENÇAS

Era uma vez uma escola escura e sem cor. Em uma quinta feira chuvosa, o professor Mateus iniciava sua aula como de costume. Ao chegar à sala de aula, ele reparou que haviam três estudantes sentados muito distantes dos demais colegas, ficou pensativo, mas deu início à sua aula.

Começou a escrever no quadro e os alunos ao invés de copiarem a lição, iniciaram uma discussão. Surpreso e triste com o acontecimento, ele perguntou a Gustavo, Isabela e Helena qual era o motivo da confusão.

Gustavo disse:

- Estou muito bravo porque essa cega encostou esse troço em mim!

E o professor, sem saber como agir, disse:

- Do que você está falando?

E Gustavo responde:

- Dessa bengala que essa ridícula traz para a aula.

O professor aborrecido com tanta crueldade ficou sem saber o que dizer e perguntou a Helena:

- E você Helena, me diga o que está acontecendo?

Helena responde:

- Eu não sei por que essa Valentina, com essa touca na cabeça, nunca fala com ninguém, vem fazer o que aqui?

O professor sem querer deixou cair uma lágrima de seu rosto e disse:

- Não sei o que está acontecendo com essa turma!

Ainda na tentativa de esclarecer o que estava acontecendo, olhou para Isabela e questionou:

- Por que você também não está fazendo as atividades da aula?

Isabela, irritada responde:

- Porque eu não consigo me concentrar, essa guria, que senta do meu lado, só pode estar com piolho, fico preocupada.

Nesse momento, todos os outros estudantes começaram a rir e Isabela acrescentou:

- Não deve entrar nem escova nesse cabelo!

E todos começaram a rir novamente.

Antes que o professor conseguisse dizer alguma coisa, Gustavo interferiu:

-Vou pedir para os meus pais para sair dessa escola, tem muita gente estranha aqui. Olha para Sabrina, será que ela veio de Marte?

Alguns colegas começaram a rir novamente e Gustavo continuou;

- Esse cabelo todo azul e essa roupa colorida, só pode ser um ET.

E todos caíram na gargalhada. O professor sentou em sua cadeira, colocou as mãos no rosto e começou a chorar, enquanto alguns alunos ainda gargalhavam.

Ao ouvir os soluços de choro do professor, as risadas foram diminuindo, até que só o seu choro era ouvido.

Nesse momento, todos ouviram uma batida na porta, que se abriu sozinha e revelou dois seres com asas, eram anjos. Eles se aproximaram do professor e cochicharam em seu ouvido que o grande problema daquela turma era o preconceito. O mal terrível que assombra o mundo, a falta de aceitação das diferenças.

Após esclarecerem isso, sussurraram ideias encantadas no ouvido do professor, plantaram sementinhas no coração dele e que após germinarem, seriam em breve semeadas no coração dos seus alunos.

O professor levantou feliz e renovado com a visita e escreveu no quadro as palavras mágicas que poderiam resolver os problemas da turma. Os alunos ao lerem o que o professor estava escrevendo no quadro, foram contagiados pelas palavras mágicas. (COLOCAR MÚSICA)

Sem perceber, deram as mãos para os colegas que tanto haviam desrespeitado e começaram a sentir o ritmo de uma música em seus corações, as palavras mágicas se tornaram o hino dessa turma e isso os fez entender que todas as pessoas são diferentes e que todas devem ser respeitadas.

E a escola que antes era cinza e sem graça, aceitou as cores das diferenças, se tornando brilhante e colorida para todo sempre.

FIM! (TURMA OITAVO ANO, 2019)

É importante recordar que o texto supracitado foi criado para ser contado aos estudantes do primeiro e segundo ano do ensino fundamental em forma de teatro no nosso último encontro e encerramento do projeto mediadores da leitura. Nos momentos finais da aula, combinamos como iríamos trabalhar no próximo encontro e ficou acordado que faríamos a escolha dos figurinos para cada personagem e depois de caracterizados procederíamos com o ensaio da contação de história.

4.5.1 Dando vida aos personagens

Nos primeiros momentos da aula, convidei os estudantes para irmos até a sala de fantasias da escola para escolhermos os figurinos para cada personagem. Expliquei que cada um/uma ficaria responsável por dar vida ao personagem que iria interpretar. O momento de vestir os personagens foi muito importante para eles porque conseguiram se transpor para o mundo fictício e pensar através das concepções do personagem o que foi mais uma forma de analisar e interpretar a história.

Depois de todos os personagens estarem com seus figurinos completos, ensaiamos a apresentação da história inúmeras vezes, até se sentirem seguros para a apresentação que estava prevista para o nosso próximo encontro. Combinamos que, na próxima aula, o primeiro período seria reservado para o último ensaio e os dois últimos para a apresentação.

4.5.2 O grande espetáculo

Antes de iniciar a aula, conversei com as professoras das turmas do primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental a fim de organizar o evento de contação de história que seria promovido pelos estudantes do oitavo ano (mediadores da leitura). Ambas se mostraram solidárias ao evento e afirmaram que no horário combinado levariam seus alunos para participar. Ao entrar na sala de aula percebi os estudantes ansiosos e animados para a apresentação. Iniciamos a organização do cenário, o figurino dos personagens e ensaiamos algumas vezes até chegar o grande momento.

No horário combinado, as professoras das turmas dos anos iniciais, começaram a trazer os seus alunos para ouvirem o que os mediadores da leitura tinham a dizer. Quando todos estavam acomodados no cenário, comecei a chamar os personagens para juntarem-se a seus receptores.

Os personagens se organizaram e simularam um contexto de sala de aula que contava com um professor e nove estudantes. A cena parecia extremamente simples, mas ao falar da temática da história que era “As diferenças” agregou um

sentido maior para aquele contexto, tanto que, todos os estudantes se mantiveram atentos e instigados pela história.

A história como podemos observar anteriormente, se tratava de uma turma que não tinha um bom relacionamento devido a não aceitarem as diferenças existentes entre eles e o objetivo dos mediadores da leitura era desconstruir os preconceitos. Nesse caso, é importante lembrar que no momento que aparece na história construída pelos estudantes, entre parênteses, “colocar música” foi colocada a música “Juntos somos muitos” e, os atores do teatro, convidaram todos os alunos (as) que estavam presentes na plateia a darem as mãos e dançarem juntos, a fim de que, mesmo que por um instante, pudessem deixar de lado seus preconceitos e suas diferenças e dar espaço para que o amor fosse o personagem principal desse evento.

Nesta apresentação, foi possível observar uma ação de leitores que se apropriaram da leitura para expor suas inquietudes em relação à falta de aceitação entre as pessoas devido aos inúmeros preconceitos impregnados na sociedade. Tal atitude desses leitores que nessa oficina se transformaram em mediadores podem ser melhor refletidas se nos apropriarmos do pensamento de Petit (2019) que afirma:

O texto suscitará, em alguns leitores, não somente pensamentos, mas também emoções, potencialidades de ação, uma comunicação mais livre entre corpo e espírito. E a energia liberada, reencontrada, apropriada ocasionalmente dará força para se passar a alguma outra coisa, sair do lugar onde o leitor se encontrava imobilizado. (PETIT, 2009, p. 79).

Assim, vimos que os leitores, estudantes do oitavo ano do Ensino Fundamental, saíram do lugar em que se encontravam e, utilizando os artifícios da leitura, semearam a ideia da tolerância, da empatia e da construção de uma sociedade melhor para todos.

Sobre o questionamento de Mediação 5 “O que os textos de hoje disseram sobre mim e sobre o mundo?”, Diamante relatou: *“A aula de hoje foi muito legal, porque eu nunca tinha feito algo parecido e por isso, eu me senti, pela primeira vez, uma pessoa muito especial por estar incentivando a leitura. Eu nunca imaginei que um dia eu iria fazer isso.”*

Já Turquesa respondeu a mesma pergunta da seguinte forma: *“Contar uma história para as crianças em forma de teatro, para mim que sou extremamente envergonhada, no início foi bem difícil, mas ao mesmo tempo, foi a melhor*

experiência que já tive. Foi maravilhoso poder passar uma mensagem boa e linda. Foi muito divertido a aula mais legal que já participei.”

Após analisar essas duas respostas, grande parte das dúvidas que me inquietavam ao ponto de motivar esta pesquisa-ação se esclareceram. Isso porque foi possível descobrir por meio do retorno dado pelos participantes da pesquisa que instigar os educandos à leitura e promover ações que tenham como objetivo compreender a si e o mundo podem ser utilizadas pelo mediador da leitura de modo a garantir a formação de leitores entendedores e não decodificadores. Além disso, ser um mediador da leitura e favorecer para que os leitores vivenciem momentos como os que foram relatados por Diamante e Turquesa emocionam e valoram a nossa existência. Também é importante considerar os resultados que podem ser alcançados através de experiências literárias como o que diz Reyes:

Em meio à avalanche de mensagens e estímulos externos, a experiência literária brinda o leitor com as coordenadas para que ele possa nomear-se e ler-se nesses mundos simbólicos que outros seres humanos construíram. E embora ler a literatura não transforme o mundo, pode fazê-lo mais habitável, pois o fato de nos vermos em perspectiva e de olharmos para dentro contribui para que se abram novas portas para a sensibilidade e para o entendimento de nós mesmos e dos outros. (REYES, 2012, p. 27-28).

Estas portas da sensibilidade de que fala a autora são as que tive o privilégio de assistir se abrirem nas mentes e nos corações de cada estudante participante da pesquisa-ação e que me fizeram acreditar ainda mais no poder da leitura que transforma a pedra bruta em preciosidade.

5 A EXTRAÇÃO DA PEDRARIA: VALORAÇÃO DO BRILHO

O instrumento, do qual me apropriei para proceder com as lapidações, se chama leitura. Foi com ela que instiguei o autoconhecimento, a curiosidade para entender o mundo e a reflexão de forma crítica. Para que se possa avaliar se as hipóteses iniciais deste trabalho se cumpriram é importante explicar que para que fosse possível responder a esses questionamentos, antes de iniciar as atividades do primeiro encontro com os sujeitos de pesquisa, foi necessário fazer a eles/elas o seguinte questionamento, que, nesse trabalho, nomeamos como pergunta de Pré-mediação: “Como eu sou e como eu vejo o mundo?” e, no último encontro, utilizamos o mesmo questionamento, porém, nesse momento, a pergunta foi denominada como Pós-mediação.

Vale ressaltar que no espaço entre a pergunta de pré e pós-mediação, a cada encontro, os estudantes foram expostos a diversas leituras e atividades que tinham como objetivo fazê-los refletir. Posto isso, apresento o Quadro 1, que mostra as respostas dadas pelos estudantes no momento anterior e posterior à pesquisa-ação.

Quadro 1 – Questionamentos pré-mediação e pós-mediação

(continua)

	QUESTIONAMENTO INICIAL	QUESTIONAMENTO FINAL
	Quem eu sou e como eu vejo o mundo?	Quem eu sou e como eu vejo o mundo?
Diamante	“Eu me considero bastante ignorante e vejo o mundo com bastante preconceito”	“Durante o projeto refleti sobre muitos assuntos que eu ainda não conhecia. Agora não faço certas coisas que eu fazia e sei muito mais sobre assuntos da vida.”
Ametista	“Não sou perfeita, mas quem é perfeito? O mundo é dos egoístas, só os egoístas se dão bem.”	“Percebi que aulas com assuntos envolventes e do cotidiano, ensinam coisas que realmente vou levar para a vida. Também foi bom perceber que as coisas que eu sinto outras pessoas também sentem. Assim ficou mais fácil me entender e entender um pouco mais sobre o mundo.”

(conclusão)

Esmeralda	<p>“Eu sinto que sou diferente de algumas pessoas, pelo meu jeito e pelas minhas características, pois, sou um garoto de 14 anos, bissexual e sofro <i>bullying</i>, mas sigo em frente e sempre falo que é com as pedras que eu construo o meu castelo. Eu vejo um mundo muito preconceituoso e machistas onde muitas coisas podem mudar para melhor.”</p>	<p>“Eu continuo o mesmo de antes, mas agora me sinto mais livre. Ainda vejo um mundo cheio de preconceito, mas acredito que com respeito a gente pode mudar isso.”</p>
Turquesa	<p>“Sou uma pessoa reservada, não gosto de falar as coisas que penso e prefiro ficar no meu canto. Sou uma pessoa tímida e tenho gostos diferentes dos meus amigos. Vejo o mundo como um lugar que tem muito a ser descoberto, a melhorar e mudar.”</p>	<p>“Na primeira vez que respondi essa pergunta não me importei muito em responder, mas após ter conhecido muito sobre diversos assuntos, hoje tenho pensamentos diferentes sobre alguns assuntos.”</p>
Jade	<p>“Eu tenho 15 anos, gosto de ouvir música e tenho um sonho de morar fora do Brasil”. Vejo o mundo muito injusto e ruim.”</p>	<p>“Agora vejo o mundo com outro olhar, antes eu tinha alguns preconceitos bobos e hoje percebo que não tinha porque pensar daquela forma. Antes eu apenas me convencia e agia como os outros falavam, hoje acho fundamental pensar sobre as coisas.”</p>
Safira	<p>“Eu gosto de ficar sozinha no meu quarto. Meu sonho é ter uma casa com as coisas que eu gosto. Eu vejo o mundo como algo que tenho que descobrir e me aventurar.”</p>	<p>“A cada aula meu pensamento mudava. Cada texto lido mexia comigo e me fazia pensar e isso foi muito especial para mim.”</p>
Rubi	<p>“Sou simpática, alegre e estudiosa. Gosto de me divertir com meus amigos e ajudar minha mãe em casa. Eu gostaria que o mundo fosse diferente, que todos vivessem em paz, sem brigas e sem ódio.”</p>	<p>“As aulas e os textos foram incríveis, abriram a minha mente, me fizeram pensar sobre preconceito e outras coisas muito importantes. Agora consigo pensar sobre o mundo sozinha sem precisar repetir as opiniões das outras pessoas.”</p>

Fonte: elaborado pela autora (2019).

Ao olhar para esses resultados se evidencia que a leitura, quando entendida e não decodificada, transforma o leitor; após uma leitura, jamais seremos os mesmos. As reflexões que os textos nos suscitam nos lapidam ao ponto de conseguirmos olhar para nós mesmos e sabermos ler o que estamos vendo. Para além disso, mostra em que mundo o sujeito “eu” se encontra, quais os desafios desse lugar e o que se precisa compreender para que esse mundo se torne um lugar que possa ser habitado com alegria, igualdade e paz. Essas descobertas que a leitura proporciona, podem fazer com que o leitor sinta o sabor da liberdade e da autonomia, e esse é um caminho sem volta, pois ao saborear essas duas delícias, não restará apetite para se alimentar daquilo que é imposto sem nos dar a possibilidade de refletir. Dessa maneira, pode-se entender por que a leitura em determinadas situações pode ser vista como o “fruto proibido”, pois uma vez que dela se prove, comete-se o grande pecado de não sermos marionetes nas mãos daqueles que tentam nos fazer acreditar em falsas verdades. Petit (2009, p. 148) diz:

Não é sem motivo que os poderes tenham temido tanto as leituras não controladas: a apropriação da língua, o acesso ao conhecimento, como também a tomada de distância, a elaboração de um mundo próprio, de uma reflexão própria, propiciados pela leitura, podem ser o pré-requisito, a via de acesso ao exercício de um verdadeiro direito a cidadania.

Entendo, ao refletir sobre os resultados mostrados no Quadro 1, que as mediações realizadas a cada encontro com os estudantes, foram benéficas para que eles/elas pudessem compreender um pouco mais sobre si e sobre a sociedade que estão inseridos, visto que foi possível observar nos relatos de todos os participantes da pesquisa que nenhum deles/delas se manteve com as mesmas concepções sobre si e sobre o mundo que relataram no início da pesquisa-ação.

Primeiramente, esses dados mostram algo que considero de extrema importância que é o fato de que todos os participantes mostraram ter realizado exercícios de reflexão a partir dos textos abordados. Tal informação pode ser evidenciada ao identificarmos que todos/ todas apresentaram respostas divergentes para a mesma pergunta simplesmente por esses questionamentos terem sido feitos em diferentes momentos durante a pesquisa-ação (uma anterior às mediações e a outra posterior às mediações). Se os leitores analisados nessa pesquisa não tivessem sido tocados de nenhuma forma pelas leituras e reflexões trazidas por elas, talvez não houvesse nenhuma disparidade entre a resposta inicial e a final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho fez uso da pesquisa-ação para mediar a leitura em turma de estudantes de oitavo ano de escola pública a fim de melhorar suas relações com o ato de ler. Tal investigação se fez pertinente porque tínhamos como objetivo a formação de leitores que colocassem em suas vidas a leitura como uma possibilidade de verem-se a si mesmos e o mundo através dos textos e, com isso, tornarem-se mais críticos e apaixonados. Para tanto, foi necessário ir em busca de teorias que fossem capazes de nos mostrar o caminho que deveríamos percorrer, a fim de que pudéssemos embasar as práticas pedagógicas que seriam utilizadas ao longo do trabalho.

Assim sendo, para que o trabalho fosse profícuo, foi necessário, além de identificar as ações que poderiam ser utilizadas pelo mediador a fim de contribuir para formação de leitores, a aplicação dessas ações que a pesquisa teórica apontou como benéficas para a formação de leitores. Daí a necessidade de agirmos junto aos envolvidos na pesquisa, através da pesquisa-ação.

Desse modo, os resultados provenientes da prática foram analisados e foi possível compreender que as teorias haviam me direcionado para o caminho certo, uma vez que, através do mapa dado pelos referenciais teóricos, chegamos ao que simbolicamente chamo de tesouro: uma mina de pedras preciosas, na qual foi possível trabalhar na lapidação. À primeira vista, estas pedras se apresentaram brutas, mas depois de polidas, transformaram-se em joias e o brilho iluminou os seus e, como não poderia ser diferente, o meu mundo também. Assim, possibilitamos que, de pedregulhos comuns, extraíssemos pedras raras que descobriram seu potencial e seu valor a partir do momento em que ousaram sair da mina.

Alunos pouco leitores que passam a ler, além de textos, a si mesmos e também o mundo, ao mesmo tempo que se (re)descobrem, tornam-se mediadores de leitura atuando em seu próprio meio. Eis a magia dos livros agindo e transformando pessoas e realidades. O que vi nos primeiros encontros em cada um destes adolescentes foi mais descrédito, infelicidade e desamor do que qualquer outra coisa. A falta da figura do mediador de leitura na primeira infância ficou evidente em muitas falas dos participantes. O fato de não terem presente na

memória alguém que os tenha contado histórias revela esta ausência. E esta falta deixou lacunas grandes em suas sensibilidades.

É assim que vejo a necessidade de mediar a leitura na escola como uma atividade de extrema importância. Oportunizar o contato com diferentes textos, de distintos gêneros aos estudantes é fazê-los exploradores de suas próprias minas, é proporcionar o redirecionamento do olhar para dentro de si mesmos a fim de (trans)formar suas vidas, já que nem sempre a família pode cumprir com este papel.

O que estes estudantes e eu construímos durante este período dos encontros mostra que foi através dos textos que paramos a conturbada vida, paramos a tão engessada grade curricular para olharmos para dentro de nós mesmos. Foi preciso silenciar o exterior, e a nós mesmos, e deixar ouvir o texto agir em nós. Assim, somente na pausa e no silêncio foi possível, segundo Larrosa (2003), que algo nos passasse, que algo acontecesse em nós. E aconteceu: de pedra bruta à joia rara nos transformamos.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. **Capitães da Areia**. Rio de Janeiro: Record, 1937.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. L'analyse de contenu. Tradução de Luisa Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1997.

BRASIL. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm>. Acesso em: 25 mar. 2019.

_____. **Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13663.htm>. Acesso em: 25 mar. 2019.

_____. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. BRASIL. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm>. Acesso em: 25 mar. 2019.

_____. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Disponível em: 25 mar. 2019.

CHIMAMANDA, A. A. **Sejamos todos feministas**. Copyright © 2012, 2014 by Chimamanda NgoziAdichie. Disponível em: <<http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/7771/material/LIVRO%20Sejamos-Todos-Feministas.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

ELEVAÇÃO Mental. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=npGrq2IFmls>>. Acesso em 25 mar. 2019.

GHERARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.) **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDIN, D. **Os dias e os livros: divagações sobre a hospitalidade da leitura**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

JOUBE, V. **A leitura**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

JUNTOS Somos Muitos. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nd2K8VZ-sAw>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

MELHOR maneira de acabar com o bullying. 2017. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=Z4K02jJqzeM>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

MINAYO, M. C. (Org.) **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

O MÍNIMO para viver. 2017. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=NUceP2ITQ0I>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

PAIS, G. **Anorexia**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=h_VCZdtgWu4>. Acesso em: 20 mar. 2019.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

REYES, Y. **Ler e brincar, tecer e cantar**: literatura, escrita e educação. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul. **Lições do Rio Grande**: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Disponível em:
<http://www.gipeonline.com.br/pdf/Curriculares/volume_1.pdf>. Disponível em:

RIOS, T. A. **Compreender e Ensinar**: por uma docência da melhor qualidade. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Silva, A. B. B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, E. T. **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TANAJURA, L. L. C.; BEZERRA, A. A. C. Ação sobre a ótica de René Barbier e Michel Thiollent: aproximações e especificidades metodológicas. **Rev. Eletrônica**, v. 07, n. 13, p.10-23, jan.-jun. 2015. Disponível em:
<<https://www.google.com/search?q=apud+BEZERRA+e+TANAJURA%2C+2015&oq=apud+BEZERRA+e+TANAJURA%2C+2015&aqs=chrome.69i57.1130j0j9&client=ms-android-motorola&sourceid=chrome-mobile&ie=UTF-8>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

VAKED, G. Ninguém nasce preconceituoso. 2018. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=VJi-MkITlTk>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento**: projeto de ensino-aprendizagem e político-pedagógico. São Paulo: Libertad, 2002.

YUNES, E. **Pensar a leitura**: complexidade. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

ANEXO A – LETRAS DE MÚSICAS

1) Vidinha de Balada (Henrique e Juliano)

Oi, tudo bem?
 Que bom te ver
 A gente ficou, coração gostou
 Não deu pra esquecer

Desculpa a visita
 Eu só vim te falar
 Tô a fim de você
 E se não tiver, cê vai ter que ficar

Eu vim acabar com essa sua vidinha de balada
 E dar outro gosto pra essa sua boca de ressaca

Vai namorar comigo, sim!
 Vai por mim, igual nós dois não tem
 Se reclamar, cê vai casar também
 Com comunhão de bens
 Seu coração é meu e o meu é seu também

Vai namorar comigo, sim!
 Vai por mim, igual nós dois não tem
 Se reclamar, cê vai casar também
 Com comunhão de bens
 Seu coração é meu e o meu é seu também
 Vai namorar comigo, sim!

2) Por Causa De Você (Kelly Key)

Álbum: Por Causa de Voce
 Compositor: Kelly Key

Por causa de Você não uso mais batom
 rasguei meu short curto diminui meu tom
 troquei os meus amigos por alguém que só me arrasa por causa de você
 não posso mais entrar em casa
 por causa de você perdi minha liberdade
 te entreguei minha vida só fiz tua vontade
 briguei com o mundo larguei tudo e não olhei pra trás e agora vem você
 me dizendo que não quer mais
 é ou não é pra chorar
 é ou não é pra, diz você
 é ou não é pra chorar quando alguém não sabe amar
 é ou não é pra chorar
 é ou não é pra, diz você
 é ou não é pra chorar

E se coloque em meu lugar
 o que é o amor eu não sei
 sinceramente já pensei
 sinceramente eu não sei pra que tenho coração.

3) Formosa (Vinicius de Moraes)

Formosa, não faz assim
 Carinho não é ruim
 Mulher que nega
 Não sabe não
 Tem uma coisa de menos
 No seu coração
 Formosa, não faz assim
 Carinho não é ruim
 Mulher que nega
 Não sabe não
 Tem uma coisa de menos
 No seu coração

A gente nasce, a gente cresce
 A gente quer amar
 Mulher que nega
 Nega o que não é para negar
 A gente pega, a gente entrega
 A gente quer morrer
 Ninguém tem nada de bom
 Sem sofrer
 Formosa mulher!

4) Ai, Que Saudades da Amélia (Mário Lago)

Nunca vi fazer tanta exigência
 Nem fazer o que você me faz
 Você não sabe o que é consciência
 Não vê que eu sou um pobre rapaz
 Você só pensa em luxo e riqueza
 Tudo o que você vê, você quer
 Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
 Aquilo sim é que era mulher

Às vezes passava fome ao meu lado
 E achava bonito não ter o que comer
 Quando me via contrariado
 Dizia: Meu filho, o que se há de fazer!
 Amélia não tinha a menor vaidade
 Amélia é que era mulher de verdade

5) Mulheres (Martinho da Vila)

Já tive mulheres de todas as cores
 De várias idades de muitos amores
 Com umas até certo tempo fiquei
 Pra outras apenas um pouco me dei
 Já tive mulheres do tipo atrevida
 Do tipo acanhada, do tipo vivida
 Casada carente, solteira feliz
 Já tive donzela e até meretriz
 Mulheres cabeças e desequilibradas
 Mulheres confusas, de guerra e de paz
 Mas nenhuma delas me fez tão feliz como você me faz

Procurei em todas as mulheres a felicidade

Mas eu não encontrei e fiquei na saudade
 Foi começando bem mas tudo teve um fim
 Você é o sol da minha vida a minha vontade
 Você não é mentira você é verdade
 É tudo que um dia eu sonhei pra mim.
 Já tive mulheres de todas as cores
 De várias idades de muitos amores
 Com umas até certo tempo fiquei
 Pra outras apenas um pouco me dei
 Já tive...

6) Desconstruindo Amélia (Pitty)

Já é tarde, tudo está certo
 Cada coisa posta em seu lugar
 Filho dorme, ela arruma o uniforme
 Tudo pronto pra quando despertar

O ensejo a fez tão prendada
 Ela foi educada pra cuidar e servir
 De costume, esquecia-se dela
 Sempre a última a sair

Disfarça e segue em frente
 Todo dia até cansar (Uhu!)
 E eis que de repente ela resolve então mudar
 Vira a mesa, assume o jogo
 Faz questão de se cuidar (Uhu!)
 Nem serva, nem objeto
 Já não quer ser o outro
 Hoje ela é um também

A despeito de tanto mestrado
 Ganha menos que o namorado
 E não entende porque
 Tem talento de equilibrista
 Ela é muita, se você quer saber

Hoje aos 30 é melhor que aos 18
 Nem Balzac poderia prever
 Depois do lar, do trabalho e dos filhos
 Ainda vai pra night ferver

Disfarça e segue em frente
 Todo dia até cansar (Uhu!)
 E eis que de repente ela resolve então mudar
 Vira a mesa, assume o jogo
 Faz questão de se cuidar (Uhu!)
 Nem serva, nem objeto
 Já não quer ser o outro
 Hoje ela é um também

Uhu, uhu, uhu
 Uhu, uhu, uhu

Disfarça e segue em frente
 Todo dia até cansar (Uhu!)

E eis que de repente ela resolve então mudar
 Vira a mesa, assume o jogo
 Faz questão de se cuidar (Uhu!)

Nem serva, nem objeto
 Já não quer ser o outro
 Hoje ela é um também

7) Mulheres (Versão) (part. Doralyce) (Silvia Duffrayer)

Nós somos Mulheres de todas as cores
 De várias idades, de muitos amores
 Lembro de Dandara, mulher foda que eu sei
 De Elza Soares, mulher fora da lei
 Lembro de Anastácia, Valente, guerreira
 De Chica da Silva, toda mulher brasileira
 Crescendo oprimida pelo patriarcado, meu corpo
 Minhas regras
 Agora, mudou o quadro
 Mulheres cabeça e muito equilibradas
 Ninguém tá confusa, não te perguntei nada
 São elas por elas

Escuta esse samba que eu vou te cantar
Eu não sei porque tenho que ser a sua felicidade
Não sou sua projeção
Você é que se baste
Meu bem, amor assim quero longe de mim
Sou mulher, sou dona do meu corpo
E da minha vontade
Fui eu que descobri Poder e Liberdade
Sou tudo que um dia eu sonhei pra mim.

8) Preconceito (Rodolfo Pamplona Filho)

Sou baiano,
Negro,
Pobre
E Gay
Sou cigano
Feio,
Baixo e
Chinês
Nordestino ou
Argentino
Mendigo ou
Indigente
Idoso ou
Menor Carente
Deficiente ou
Impotente
Crente ou
Ateu
Árabe ou
Judeu
Umbandista ou
Adventista
Testemunha ou
Kardecista
Migrante ou
Imigrante
Presidiário ou
Proletário
Refugiado ou
Desabrigado
Bêbado ou
Drogado
Alcóolatra ou
Viciado
Desempregado ou
Condenado

Sou muito mais que tudo isso...
 Se, não na carne, no espírito
 de solidariedade com aquele
 que sofre, chora e morre
 não pelo que faz ou fez,
 mas pelo sentimento incontrolável
 de quem não compreende...
 Nem faz qualquer esforço para isso...

É preciso sentir na pele,
 por vezes, literalmente,
 para dimensionar a loucura
 de julgar o outro
 sem um dado objetivo
 que justifique esta postura.

Não é fácil matar
 um leão por dia
 e ser excluído pelo
 grau de melanina
 OU por quem você suspira
 OU pela sua conta bancária
 OU pela sua luta diária
 OU de onde vai ou vem
 OU de quem você crê no além...

Esqueça-me por um dia
 ou – melhor! – definitivamente,
 pois o meu maior defeito
 é parecer diferente
 aos olhos de quem esqueceu
 qual é o sentido de ser gente...

9) Elevação Mental (Triz)

Família, primeiramente eu queria deixar bem claro
 Que eu não to aqui pra representar o rap feminino não, certo?
 E muito menos o masculino
 Eu to aqui pra representar o Rap Nacional
 E eu peço que respeitem a minha identidade de gênero, demorou?
 Ficou mais ou menos assim

Caneta e papel na mão
 Pra mim é melhor que remédio
 Enquanto eu vou escrevendo
 Não sobra espaço pro tédio

Aonde eu vou parar, não sei
 Eu tô pensando a mais de um mês

E o que eu tenho visto
Eu vou falar procêis

É tanta arrogância, tanta prepotência
A sanidade tá escassa no mundo das aparências
Não se cale jamais diante do opressor
Não deixe que o sistema acabe com seu amor

Ae, Triz o seu som é muito bad
É que, irmão, isso é rap
Quer dançar, escuta Ivete

Poesia visionária que atinge o coração
Eu falo sim da tristeza pra que haja compreensão
E como de costume eu vou tocando na ferida
Falando dos preconceitos sofridos no dia a dia

O rap existe pra mostrar
A verdade e a dor
É um grito de dentro pra fora
Clamando pelo amor
Ae, motô
Boa noite pro sinhô
Preciso chegar no centro
Posso entra por favor?
Vai lá menor
Mas vê se não se acostuma
Te aviso quando chegar
E cuidado por essas ruas

Tamo junto, irmão, boa sorte na caminhada
A multa já foi constada, então vamos nessa bala
Sempre na humildade cê consegue o que quiser
E eu tô nessa jogada até quando dá pé

E já que o flow é meu
Eu vou mandando é logo a boa
Essa é a minha realidade
Não gostou, procura outra

Já tenho muito perreco
Pra me preocupar
Faltou a companhia
Na minha sala de estar

Eu gosto daquela dama
O cheiro dela na minha cama
Nossos corpos são iguais
E juntos vão ardendo em chama

Mas não tô aqui
Pra desmerecer ninguém
O que mais tem no mundo é gente
Não vai faltar pra você, irmão

Vou te falar situação
Vários preconceituoso sem respeito e sem visão
É vários fiscal de cu, muita alienação
Foda-se se o mano é gay, o que importa é o coração

E eu já me liguei como funciona o preconceito
Mas sinto em te informar que não tamopra escanteio
Se te falta o respeito, cê não sabe de nada
Segue no seu caminho que eu vou na minha estrada

Onde isso vai parar?
Se eu nasci com dom, eu sei que vou continuar
Eu cheguei na cena, fiz um poema
Pro seu coração escutar

O preconceito não te leva a nada
Não seja mais um babaca de mente fechada
Por que o ódio mata, mas o amor sara
De qual lado cê vai ficar?

Brasil, país que mais mata pessoas trans
Espero que a estatística não suba amanhã
Me diz, por que o jeito de alguém te incomoda?
Foda-se se te incomoda
É meu corpo, e a minha história

E sobre a minha carne, cê não tem autoridade
Não seja mais um covarde, de zero mentalidade
Seja inteligente, abra a sua mente
O mundo é de todos, não seja prepotente

Seja gay, seja trans, negro ou oriental
Coração que pulsa no peito é de igual pra igual
O individual de cada um não se discute
Seja elevado, busque altitude

Zé povinho falou: Vai fazer a sobrancelha
Dar um trato no cabelo e mudar sua aparência
Eu acho que é mulher, eu acho que é um homem
Eu acho que cê tem que vestir esse uniforme

Primeiramente: você não tá na minha mente
Segundamente: seu raciocínio é deprimente
O que cê acha de mim, num importa irmão
Que diferente de você, eu tenho educação

Não tenho obrigação de dar satisfação
Mas aqui, cê tá ligado que é pura informação
E pra quem quer saber, o meu gênero é neutro
Cê não precisa entender, só precisar ter respeito

Você não ganha nada sendo um atrasa-lado
Seu conservadorismo já tá ultrapassado
Cê quis me derrubar ainda dando risada
Mas a luz da minha luta sua bala não apaga

Você me insultou julgando minha aparência
Só se esqueceu de ver o brilho da minha essência
Falou do meu cabelo, meu dente separado
Mas garanto que elas não reclamam do que tem provado
Elevação mental
Nesse flow que eu vou levando sempre na moral
Hipocrisia me rodeia e os bico paga um pau
Mas sigo firme, nada abala o meu ideal, irmão

E não tire suas conclusões sem saber do meu proceder
Antes de falar mal de mim, te convido a me conhecer
Um salve pra quem fecha, que os moleque são da hora
Em meio a tanta maldade ainda tem quem se salva

Onde isso vai parar?
Se eu nasci com dom, eu sei que vou continuar
Eu cheguei na cena, fiz um poema
Pro seu coração escutar

O preconceito não te leva a nada
Não seja mais um babaca de mente fechada
Por que o ódio mata, só o amor sara
De qual lado cê vai ficar?

ANEXO B – “TIRINHAS”



Copyright © 2000 Maurício de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

7719

